



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

JOÃO ALBERTO ARAÚJO DAS DORES

DO CONFLITO: OU DO CONCEITO DE FILOSOFIA

Goiânia-Go

2022

JOÃO ALBERTO ARAÚJO DAS DORES

DO CONFLITO: OU DO CONCEITO DE FILOSOFIA

Trabalho monográfico apresentado como requisito de conclusão do Curso de Licenciatura em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.
Co-Orientadora: Prof^a. Ms^a Polliana Pires do Carmo A. Rocha.
Co-Orientadora: Prof^a. Ms^a Ana Kelly Ferreira Souto.

Goiânia-Go

2022

DEDICATÓRIA

Aos meus professores, com carinho:

Prof. Dr. Renato Moscateli,

Prof^a. Dr^a. Helena Esser dos Reis,

Prof^a. Ms^a. Ana Kelly Ferreira Souto,

Prof^a. Ms^a. Polliana Pires do Carmo A. Rocha.

AGRADECIMENTOS

A minha família sem o qual nada seria possível. Em *especial* minha esposa Alana Carneiro Rocha. Meus pais, João Maria das Dores & Maria Francisca de Araújo. Minhas irmãs, que me atormentam com estranho atributo de candura em mistura. E aos meus sobrinhos que me mostraram que o amor cresce em progressão geométrica: João Pedro, Gabriel, Valentina, João Miguel, Sofia, Bernardo, Joaquim e a pequena Manuela.

RESUMO

O que é a Filosofia? O que a caracteriza? Pode a Filosofia ter sua *essência* circunscrita a um conceito? Para se demonstrar a dificuldade de tal tarefa, tomemos emprestado o auxílio do conceito de Filosofia de um filósofo. André Comte Sponville (2003, p. 250), em suas perquirições acerca do tema, optou por depreender a definição de Filosofia nos seguintes termos: “prática teórica (mas não científica) (...) [sendo que] a filosofia não é uma ciência, nem mesmo um conhecimento”. Essa afirmação se faz interessante por uma pletora de motivos. Entre eles, o fato de possuir fragmentos coerentes e nesse sentido que se mostram verdadeiros, porém justapostos de maneira equivocada. Entretanto, o presente trabalho monográfico se afasta deste conceito de Filosofia e procura compor outro que vá de encontro com a sua essência. Propõe um conceito *objetivo* de Filosofia enquanto *ciência*, dividindo-o em dois sentidos: um lato e outro stricto. Ambos complementares. Ambos igualmente capazes de orientar a quem perscruta esta ciência. Enquanto sentido lato a Filosofia atua com dupla função: atua como agente interdisciplinar de diálogo entre as ciências, perfazendo o papel de interciência. E como segunda função atua como agente externo as ciências particulares perfazendo o exercício de crítica e análise de validade de seus métodos e resultados. Neste último sentido atua como metaciência. Quanto ao seu sentido stricto a Filosofia é a ciência que estuda o conflito e corolários que dele se seguem.

Palavras-chave: filosofia, conceito, ciência, conflito, conhecimento.

ABSTRACT

What is Philosophy? Can Philosophy have its essence circumscribed to a concept? To demonstrate the difficulty of such a task, let us borrow the help of a philosopher's concept of Philosophy. André Comte Sponville (2003, p. 250), in his inquiries about the subject, chose to deprecate the definition of Philosophy in the following terms: "theoretical (but not scientific) practice (...) [being that] philosophy is not a science, nor even a knowledge." This statement is interesting for a multitude of reasons. Among them, the fact that it has coherent fragments that are not entirely true, because they are juxtaposed in an erroneous manner. However, the present monographic work to departs itself from this concept of Philosophy and seeks to compose another that meets its essence. It endeavors to offers an objective concept of Philosophy as a science. Dividing it into two meanings: one in the broad sense and the other in the more restricted sense. Both complementary. Both equally capable of guiding those who pursue this science. In the broad sense, Philosophy has a double function: it acts as an interdisciplinary agent of dialog among the sciences, playing the role of inter-science. And as a second function, it acts as an external agent performing the exercise of criticism and analysis of the validity of their methods and results. In this last sense it acts as meta-science. In its strict sense, Philosophy is the science that studies and delves into conflict and the consequences that follow from it.

Keywords: philosophy, concept, science, conflict, knowledge.

*“São filósofos aqueles capazes de atingir
o que sempre existe de maneira imutável.”*

(Platão – A República)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – DO CONCEITO DE FILOSOFIA	12
a) Do conceito de Filosofia e seu objeto.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

Objeto, problematização e justificativa. Estes são os três elementos de uma boa introdução *secundum* a literatura da metodologia científica. Acredito que uma anedota filosófica sumarieze estes três elementos de modo singular ao leitor, ao menos, quanto ao trabalho monográfico que aqui se apresenta.

Conta-se, que Tales de Mileto, filósofo pré-socrático do século V, caminhava a noite observando os astros no céu. Abstraído pela beleza destes, todo o redor tornava-se inócuo. Perfazia cálculos, quando inadvertidamente não percebera o desnível do solo e pisara em falso. Fatalmente, para seu azar, caíra em um poço. A cena fora presenciada, entretanto, por uma escrava trácia que testemunhando a situação, rira, e alertara à Tales que “[ele] mostrava-se tão ansioso por conhecer as coisas do céu que não conseguia ver o que se encontrava ali diante de si, sob seus próprios pés” (PLATÃO, 2007, p. 107, Teeteto, 174^a).

Deste pequeno apotegma grego grandes lições desdobram-se. Entre elas, a *justificativa* que embasa este pequeno ensaio monográfico. Assim como Tales, contemplava outros objetos. Elaborava artigo final de disciplina de *stricto senso* sob a responsabilidade de meu orientador Dr. Renato Moscateli, quando subitamente percebi que me faltavam fundamentos básicos a qual nunca dedicara longa atenção. Estava longe na senda filosófica, mas não sabia voltar ao início da jornada. Faltava-me pavimento seguro para regressar de onde partira a quase dez anos atrás. Perguntas básicas que fizera a mim mesmo, pela primeira vez, não conseguiam ser facilmente respondidas. Pior, se quer conjecturava um esboço de resposta. Literalmente, caíra em um poço tal como à Tales. “O que estuda a Filosofia? Qual a sua essência?”; “Com o que se importa? O que semina essa vontade irrefreável de conhecimento?”; “Qual fim visa o filósofo? Onde deseja chegar? Sabedoria, sim, claro. Mas do *que* em relação ao *que*?”.

Neste sentido veio a urgência deste *ensaio* monográfico. Trata-se de composição e análise do *conceito* de Filosofia e tão somente isto. Este é seu *objeto*. O ensaio será tão curto quanto o próprio apotegma supracitado e narrado. Neste sentido não há qualquer pretensão de ir além do que demonstrar a razoabilidade de seu corolário. Apesar de confessar, desde já, nesta introdução, que as premissas podem ser melhor explanadas e difundidas dado o espaço e tempo necessário. Acredito, entretanto, que nos quatro meses que me foram ofertados não fizera um trabalho de todo ruim. Não me envergonho. Doei-me. Deixei de lado o que não poderia e nada obstante, digo, pode e deve ser melhorado, e por tal motivo conto com a crítica do leitor e da banca para isso.

Quanto ao objeto, ou seja, o *conceito* de Filosofia enquanto ciência, o leitor irá perceber que possui textura aberta por dois conscienciosos motivos. São eles:

- i) Pretendo voltar a este ensaio e melhorar-lhe a redação. Ampliá-lo e adicionar partes faltantes. Inequívoco que para tal avanço necessito de companhia adequada e antevendo que a caminhada não será curta, tanto mais importante e necessário se faz o correto acompanhamento bem como a doçura da companhia. Espero que meu orientador Dr. Renato Moscateli me honre mais uma vez como companheiro de viagem, claro, quando a hora se mostrar propícia.
- ii) O segundo motivo que fundamenta sua textura aberta, é que se faz necessário somente identificar o epicentro do conceito de Filosofia, e não esgotar-lhe qualquer capacidade. O leitor terá uma bussola que certa hora me faltara, e isto é suficiente. É o que acredito. Assim como do centro de um círculo pode se ir em linha reta ao seu raio, identificado esse epicentro o leitor poderá fazer o mesmo e voltar ao seu centro com a segurança, este que por um momento me faltara.

Neste esteio agradeço imensamente as minhas orientadoras de graduação, amigas, professoras e filósofas Polliana Pires e Ana Kelly Ferreira. Dispuseram a dar-me liberdade de elaborar este pequeno ensaio que se mostrara extremamente difícil de realizar, mas igualmente prazeroso de fazer. Aceitaram a justificativa tanto quanto o objeto aqui delineado. Como professoras souberam por bem me guiar.

Quanto a problematização esta reside exatamente no que Deleuze & Guattari identificaram. E pode ser desse modo resumido ao leitor: “Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como os corpos celestes” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 11). Os filósofos de maneira geral lutam nas trincheiras do conhecimento para esculpi-los o fazendo por necessidade. São a chave interpretativa do mundo. Tornam-se ferramentas hábeis para interpretar e desbravar o universo que fora escrito em *more geometrico* como os filósofos do século dezessete bem compreenderam. E por ser a existência algo que pode ser lida por este critério geométrico, tanto mais importante se torna possuir um instrumental conceitual *preciso* para tal leitura. Neste diapasão, a Filosofia é vista como disciplina rigorosa “que consiste em criar conceitos” sem, entretanto, possuir rigorosamente um. *O leitor deve desconfiar do que proponho*, qual seja, *um* conceito de Filosofia. Mas não deve temer utilizar este instrumento quando necessário. Aqui cabe a mesma desconfiança que Deleuze & Guattari lançam sobre o seu livro. Deve-se lembrar de “trocar a confiança pela desconfiança, e é dos conceitos que o filósofo deve [sempre] desconfiar mais” (2010, p. 12) por mais que haja amizade profícua entre

o filósofo e o conhecimento a sabedoria demanda prudência. E isto significa desconfiar dos próprios amigos, não por maldade, mas pela máxima do “*Sapere Aude!*”. Máxima que sempre fora salutar.

Por último, penso que este apotegma grego introdutório se faz intensamente belo e por isso fora utilizado para abrir este trabalho. Claro por um motivo adicional também calculado: nele já reside, à nível de semente, o conceito de Filosofia enquanto ciência. Caso desconfie-se do que aqui expresse, após a leitura do ensaio convido ao leitor a relê-lo, e perceber a fecundidade de sapiência nele inscrita.

O Conceito de Filosofia

“Sócrates: Teodoro parece ser, meu amigo, um bom avaliador no que tange a tua natureza, visto que esse sentimento de perplexidade revela que és um filósofo, já que para a filosofia só existe um começo: a perplexidade” (PLATÃO, 2007, p. 77).

“Talvez só possamos colocar a questão O que é a filosofia? Tardiamente, quando chega a velhice (...) antigamente nós a formulávamos, não deixávamos de formulá-la, mas de maneira muito indireta ou oblíqua, demasiadamente artificial, abstrata demais; expúnhamos a questão, mas dominando-a pela rama, sem deixar-nos engolir por ela. Não estávamos suficientemente sóbrios. Tínhamos muita vontade de fazer filosofia, não nos perguntávamos o que ela era” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 7).

O que é a Filosofia?¹ O que a *caracteriza*? Pode a Filosofia ter sua *essência* circunscrita a um conceito? Pode o conceito promover a identidade da Filosofia para efeitos de estudo? Essas perguntas, além de pungentes, encontram-se colocadas direta ou indiretamente há 2.500 anos pelos próprios filósofos. Acompanham a história da Filosofia desde seu “surgimento” e edificação.

A Filosofia como vereda transformadora capaz de conduzir a potência em ato fomenta as possibilidades de cada indivíduo que a ela se liga, propiciando, com isso, condições à emancipação rumo a um *ser-mais*. Não possui óbice como ciência ao questionamento e ao exame minucioso de si mesma, decompondo-se a si e seus elementos, traçando caminhos para análise metódica de sua própria validade em um questionamento constante de si mesma em direção a um contínuo aperfeiçoar-se.

Entretanto, passado centúrias de anos a pergunta permanece. O que é Filosofia? O que a *caracteriza*? Ainda resta a necessidade de uma resposta mais sólida. As respostas, quando se

¹ Pergunta tanto mais infame e correlacionada à colocada seria: “Filosofia, para que serve?”. Essa pergunta, geralmente realizada por leigos, porém que muitos professores por vezes se indagam sem discernimento para confecção de uma resposta, demonstra, antes de tudo, o árduo caminho que a educação deve percorrer para se realizar, e por fim, se desenvolver. Diferentemente da pergunta soerguida em abertura da dissertação esta encontra fácil resposta e redarguição por uma miríade de motivos. Um desses motivos é que a pergunta se volve pertinente àqueles que se encontram a volta de obscurantismo e dele deseja se afastar. Desejo de afastamento que pode se dar de forma consciente e sincera. Ou, em forma inicial de índole jocosa e de pilhéria. Entretanto, mesmo nesses casos resta alguma serventia. Apesar das vigorosas respostas soerguidas ao longo da história para essa pergunta, todas competentes e suficientes por si, tenho por caminhar e privilegiar a resposta empreendida pela filósofa brasileira Marilena Chauí, resposta que apesar de aperfeiçoável e passível de complementação, resplandece profusamente em beleza. E se mostra suficiente para embargar a *rasa* razão instrumental que impele a pergunta interpelando por utilidade. Segue sua resposta: “Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às idéias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências, e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes” (CHAUI, 2012, p. 9).

encontram, se mostram difusas e, com isso, se faz necessário um trabalho de conjectura interpelando por melhor refinamento e satisfazendo assim a própria criticidade que faz jus a esta ciência que vai ao sujeito *e* ao objeto pelo *radice*. Há que se analisar desde a raiz onde, não obstante, os esforços interpretados por muitos, até o momento, não conseguira definir de maneira estável seu conceito.

Nesse esteio, cada filósofo que por essa pergunta passa deixa sua contribuição, aumenta o nível de satisfação, mas não fita a questão de forma suficiente e com a necessidade que merece. Com isso, não satisfaz e elabora o conceito de modo suficientemente significativo. Não é para menos. Quando estamos a tratar de conceituar a Filosofia, como interpõe logo de início Deleuze e Guatarri (2010, p. 7), “de fato, a bibliografia é muito magra”.

Não somente isso, o nível de dificuldade da pergunta é ímpar. À guisa de exemplo, Descartes (2003) aguardou ao fim da vida para responder à questão (MOREAU, 2003, p. 11)², e como bem *intuíra*, a verdade não tem história. *E por isso* exige tanto mais circunspeção, haja vista que “pode ser obscurecida pelos preconceitos dos maus filósofos, depois perdida ao longo do discurso submetido à lógica da catástrofe que governa o pensamento: [onde] o falso engendra o falso” (MOREAU, 2003, p. 17).

O filósofo, por uma necessidade da própria ciência que enseja, encontra-se estarecido que o “ente seja”. E no afã de compreender suas particularidades e universalidades chegando ao *ser* acaba por se espriar em investigações diversas com pluralidade de ângulos almejando por maior completude³.

Devido a esse anseio, acaba por tornar o *princípio* esquecido. Olvida o começo. O sair da caverna. A pulsão que leva a essa saída e inevitavelmente leva a pesquisa e ao conhecimento, algo que ocorre de forma tão intensa, que acarreta o olvidamento do momento inaugural, fazendo com que a análise do início não se realize como deveria.

Quando esse mesmo “iniciar” acaba por ser rememorado e analisado, logo têm seu exame postergado ou feito de maneira sintética ante a urgência de outras pesquisas que o *despertar* suscita⁴. Sem demora, o filósofo percebe, como depreendera os romanos, que quando

² Pergunta que “infligia” a seus alunos de terminal. Por terminal, designa-se o sistema de ensino francês da época, à classe do último ano do secundário.

³ “Pois é preciso que de muitas coisas sejam inquiridores os homens amantes da sabedoria” (HERÁCLITO, 1978, p. 83).

⁴ “*Navigare necesse; vivere non est necesse*” [“Navegar é preciso; viver não é preciso”] – Pompeu General romano (106-48 a.C.).

se trata de conhecer, compreender e investigar, o adágio se faz presente à consciência com uma constância diuturna e axiomática: “*Ars longa, vita brevis*”⁵.

Dito isso, a história da Filosofia, por vezes, confundiu o *conceito* de Filosofia com sua *atividade*. Algo que se mostra natural frente às dificuldades citadas precedentemente, mas que possui junto a si outras variáveis que interferem. Entre elas, a fácil confusão entre o conceito de uma ciência e sua atividade, haja vista que, naturalmente, ambos devem comunicar-se. Explana-se melhor a respeito.

A *Exempli gratia* do médico esperamos que *este* restaure a saúde do seu paciente como prática. Mas a própria Medicina, como ciência, não se encerra no médico. Pelo contrário, supera-o de muito. O médico em tempo algum esgota o saber de sua ciência. Aliás, quase tudo dessa disciplina lhe escapa. Sabe e retém diminuta fração da literatura disponível e com ela performa entre seus pares. Nesse sentido, o médico participa do conceito de Medicina enquanto práxis e fragmento dessa ciência, tornando-se também parâmetro para elaboração de seu conceito.

Nesse caso, a diferença se faz nítida. A Medicina é a disciplina que estuda a harmonia e composição da extensão corpórea humana. Com isso, estuda suas doenças e causas. E como recompor seu total recobro. Para isso, possui notadamente um operador desse conhecimento, que ao mesmo tempo que o engendra pela prática, o aumenta. Prática e conceito se fundem. Esse adicionar de conhecimento ocorre devido a desvios que podem se manifestar *primariamente* de modo acidental a nós, mas que não o são para a natureza. Por isso, após sua ocorrência, torna-se *essencial* sua compreensão e domínio.

Consequentemente, tais desvios são estudados e confrontados com a literatura anterior para contínua progressão de informações sobre essa ciência, ocorrendo o aprimoramento de cognição sobre o objeto.

A esse operador damos o nome genérico de médico. Este, pode, inclusive, se especializar em diversas áreas *específicas* da extensão corpórea. Assim o faz cotidianamente e o vemos correntemente. Assim também o faz em vista de que nessa renúncia à generalidade

⁵ “A vida é curta, e a arte é longa” (TOSI, 2010, p. 75). Primeiro aforismo de Hipócrates. Reparece em Sêneca e em Fílon de Alexandria, entre outros. Demonstra que a possibilidade de aquisição de conhecimento e educação supera os interesses da existência individual. A razão avança sobre o desconhecido, tornando o oculto em conhecido, entretanto, obstada pelo tempo de vida que cada um dispõe. Diante disso, o sensato vaticínio aos que trilham neste caminho: “a arte é longa, a vida curta”. A existência humana é naturalmente limitada. Somos entes finitos. Mas a capacidade de conhecimento, ao que tudo indica, não se limita. E mais, dilata-se sem cessar no tempo através das gerações. Por isso, a morte como fato puro e insuperável não pode ser traduzida em estado de lamentação. Ao contrário, transverter-se em pulsão por vida autêntica. Vida essa consciente de si e para si, *com o outro*. O filósofo, em seu despertar, apreende sobre a brevidade da vida e tanto por isso vivencia sem espaço e tempo para desperdícios. Com isso, não luta contra o fato inevitável e natural da morte, antes o compreende, goza de sua duração individual e utiliza seu tempo para conhecer aquilo que fascina.

ganhe com essa troca *eficiência* em setores específicos do exercício terapêutico a qual se emprega.

O que se perde em totalidade de conhecimento da extensão corpórea ganha-se, em tese, em produtividade e domínio da parte em que se especializa. Domínio porque compreende-se, ao menos de princípio que, renunciando a compreensão do todo logo de partida, por se mostrar algo inacessível ou irrealizável, ganha-se em compensação a possibilidade de compreensão integral de uma parte, essa última, factível e com maiores chances de ser realizada⁶.

Através dessa secção que se realiza, inverte-se a ordem anteriormente estabelecida. Estuda-se da parte *para* o todo. E não do todo *para* a parte. Com isso, depreendem-se as variáveis antecedentes e subsequentes que se analisa e estuda. Foca-se em um segmento. Adquire-se maior exatidão topográfica do objeto predispondo o sujeito cognoscente *virtualmente* de maior competência técnica e teórica nos setores sobre os quais se debruça. Essa tentativa de maior controle e eficiência difundiu-se gradualmente arvorando-se à outras ciências. Exemplificativamente: Física, Engenharia, História, Matemática, Psicologia ou Biologia, que estudam compartimentos estanques da realidade que nos circunda. Entre, é claro, outras disciplinas. Todas seccionam sucessivamente seus objetos em busca de que o sujeito que se dedica à sua análise obtenha, com isso, maior eficácia. Dessa forma, desenvolveram-se as ciências de uma perspectiva histórica, e parte da estrutura universitária e acadêmica, a partir,

⁶ Tal caminho que nasce é, em tese, mistura do método científico oriundo do século XVII, método esse que será absorvido e utilizado pelas ciências socioeconômicas do século XVIII. No decorrer desse último, esse método ganhará espaço descrevendo de maneira tangível a realidade do *homo faber* à época e como sua produção de bens mudará revolucionariamente. Tal mudança, fora de tal importância e monta, que Adam Smith (1723-1790) inicia sua *obra* à observando: “O maior aprimoramento das forças produtivas do trabalho, e a maior parte da habilidade, destreza e bom senso com os quais o trabalho é em toda parte dirigido ou executado, *parecem ter sido resultados da divisão do trabalho*” (SMITH, 1985, p. 41, grifo nosso). Entretanto, o que se ganha em eficiência perde-se de conhecimento e percepção do *tudo*. Essa será aguda e válida crítica aos efeitos da especialização na vida do homem, crítica essa exarada principalmente por Karl Marx (1818-1883). Esse mesmo método ganhará, no século XIX, uma maturidade tal que irá se assentar com capilaridade profícua até a contemporaneidade. Poderia se vislumbrar e objetar de maneira genealógica um início dessa especialização já em Aristóteles com a tripartição do conhecimento em teórico, prático e produtivo. Entretanto, tal procedimento só ganha realces nítidos como cautela científica a ser seguida e implementada em René Descartes, e seu “Discurso sobre o método”. Segundo o filósofo francês *deve-se* “dividir cada uma das dificuldades examinadas em tantas partes quanto for possível e quanto for necessário para resolvê-las”. E assim melhor administrá-las para logo após “conduzir meus pensamentos de maneira ordenada, começando pelos mais simples e mais facilmente conhecidos, para então ascender, pouco a pouco, ao conhecimento dos mais complexos” (*apud* COTTINGHAM, 1995, p. 120). Nesse esteio, já no século XX, tal especialização virá com forte denúncia que somente na contemporaneidade se tornará plenamente evidente. O homem, esse ente que considera sua dignidade ímpar frente aos demais animais, se degenera a mero fragmento de sua essência quando só tem em vista a técnica. Acaba-se por esquecer-se do *ser*. Deixa de ser *fim*. Torna-se mero meio e nada mais. Não consegue, sem muito esforço, superar o reducionismo que impusera a si mesmo. Esqueceu-se de que a técnica científica é *só* técnica. E serve ao *desvelamento* do ser. Não para seu encobrimento e olvidamento. Tão menos para domínio de seus congêneres.

principalmente, do século dezessete. Ordenando nessa cena os esforços individuais e coletivos em busca de conhecimento, capilarizando-se até os dias atuais.

Para a Filosofia, tal analogia deveria em tese auxiliar. Entretanto, não auxilia tal qual se esperaria que o fizesse. E isso não se dá sem amarga insatisfação. Qual o conceito de Filosofia? Qual a sua prática? Nesse diapasão, o próprio conceito de Filosofia não sobrevém sem disputas. Alguns desses conceitos são harmonizáveis entre si. Outros catalisadores e *leitmotiv*⁷ da tarefa *aqui* empreendida. Parte da resposta, como se verá, é que talvez estejamos diante de uma tarefa infundável. E infundável por *essência*. Outro componente de resposta que aqui se integra é que se faz da *natureza* da Filosofia rechaçar, *espontaneamente*, como ciência, esse *seccionamento* que pode se mostrar perigosamente reducionista.

A Filosofia, apesar de aceitar o caminho e resultados deste método – até porque o propõe – contrapõe-se, entretanto, com ímpeto inversamente proporcional àqueles que o aceitam como acabamento último. E por isso, propele o indivíduo com persistência *sui generis* a lançar-se de volta a uma perspectiva sistêmica do todo relembrando-o da complexidade que o circunda. Isso exige ainda mais do filósofo, e é claro, torna tudo deveras mais interessante a nível de pesquisa, o que influência na formação do conceito dessa ciência.

Para se demonstrar a dificuldade de tal tarefa, tomemos emprestado o auxílio do conceito de Filosofia de um filósofo. André Comte Sponville (2003, p. 250, grifo nosso), em suas perquirições acerca do tema, optou por *depreender* a definição de Filosofia nos seguintes termos: “prática teórica (mas não científica) (...) [sendo que] *a filosofia não é uma ciência, nem mesmo um conhecimento*”⁸. Nesse sentido, para Sponville, quando estamos a tratar sobre Filosofia estamos a falar de uma *atividade* que “trata-se [tão somente] de pensar melhor, para viver melhor”.

Apreenda-se essa primeira afirmação e a destrinchemos com cautela. Essa definição não vem sem uma série de dificuldades, algumas de interessante realce para compreender a complexidade da questão. Existem certas imprecisões nessa afirmação que se mostram benéficas para conceituar-se posteriormente o conceito de Filosofia e com ele trabalhar através de refinamento⁹.

⁷ Motivo musical condutor ou característico, tema repetido frequentemente numa partitura, associado a uma ideia, a uma personagem. “leitmotiv”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/leitmotiv>. Acesso em: 10 jun. 2022.

⁸ Sponville busca, com isso, conceituar a Filosofia tão somente como atividade e, nesse sentido, utiliza-se do rastro de Kant em um paralelo onde não seria possível aprender Filosofia, mas tão somente a filosofar. Nesse diapasão, continua: “Aconteceu-me definir a Filosofia, ou o ato de filosofar, de uma forma mais simples: *filosofar é pensar sua vida e viver seu pensamento*” (SPONVILLE, 2003, p. 250, grifos do autor).

⁹ Desse modo se faz importante uma sustação temporária do desenvolvimento do conceito para analisar criteriosamente o teor dessa caracterização efetuada. Entabulemos essa análise primeiramente.

Se em primeiro momento aceitássemos a definição de Sponville tomando-a por verdade, e voltássemos a ele e perguntássemos “o que compreende [então] por ciência”; teríamos para o autor que, “toda ciência (...) faz parte do pensamento racional; digamos que é o gênero próximo de que as ciências são certa *espécie*. Resta encontrar suas diferenças¹⁰”.

Essa afirmação se faz interessante por uma plethora de motivos. Entre eles, o fato de possuir *fragmentos* coerentes e nesse sentido que se mostram verdadeiros, porém justapostos de maneira equivocada, o que inevitavelmente acaba por tornar a asserção inexata, e tanto quanto improcedente, entrando mormente em rota de colisão com a afirmação precedente em rechaço mútuo. O que avulta à superfície o inacabamento e incongruência da conceituação utilizada.

Veja: na conceituação inicial de Sponville há uma cisão *artificial*. Problemática, errônea e comum. Um discurso não inteiramente novo. E, por vezes, reciclado em diferentes roupagens¹¹. Uma tentativa de cindir Filosofia e Ciência, e como bem coloca Moreau (2003, p. 37), uma partição inconveniente e tanto quanto confusa e contraditória, primeiro porque se demonstra historicamente inconsistente. Segundo, como corolário direto do primeiro, inverossímil. Reflita-se sobre. Se as ciências fossem “certa *espécie*” oriundas do “gênero da razão”, ou seja, o critério para *ser* ciência seria a racionalidade *como método e sua sistemática utilização* ao exame do objeto, conforme interpõe Sponville, com quão *mais* força e *mais* autoridade não seria, e teria cientificidade, justamente a ciência que se propõe a analisar a

¹⁰ Em complemento a asserção, interpõe: “Não é tampouco um conjunto de opiniões ou de pensamentos, mesmo que fosse coerente e racional – porque nesse caso a filosofia seria uma ciência, o que *ela não é nem pode ser*” (SPONVILLE, 2003, p. 101, grifo nosso).

¹¹ Do lado desse discurso existem outros assessórios e circunvizinhos. O *fim* da metafísica e sua impossibilidade como ciência e o *fim* da própria Filosofia. Golpeiam-se filósofos como Kant, Heidegger, Derrida ou Rorty, e fazem contrafação de suas asserções em recurso *petite-sophiste* não desconhecido àqueles que fazem pesquisa, mas que encontra adeptos mal-informados. Do fim da Filosofia e o niilismo pouco enriquecedor se necessitaria de mais espaço para discorrer claramente, o que não se dispõe. Entretanto, em breve exposição retrata-se o caso de Heidegger de modo que sua particularidade possa servir de demonstração onde esses desvios deducionais ocorrem. Em Heidegger o “fim da Filosofia” é rejeitado pelo próprio autor. Sendo tal conclusão dúbia e dispare de sua obra logo de saída. Heidegger *adverte* que “O título [O fim da filosofia] nomeia uma tentativa de *meditação* que se demora no questionamento. (...) *Estas questões deveriam, caso um dia tomem forma, consistir numa transformação do pensamento e não se reduzir à uma simples enunciação de um estado de coisas*” (HEIDEGGER, 1979, p. 71, grifo nosso). A objeção se assenta no que a Filosofia deve realizar frente a um mundo que se revela, sem aspectos de retorno, ao foco técnico-científico. Se o esquecimento do *ser* já se tornara pesado gravame sobre a humanidade, agora se passa para *nova etapa* de agravamento onde pesa acusação de esquecimento do próprio *ente* em outra degradação sofrida. A técnica pela técnica propiciou mais esse olvidar-se. Assim, Heidegger sobeja: que tarefa permanece reservada à Filosofia frente a este fenômeno? (HEIDEGGER, 1979, p. 73). Quanto a Kant é o próprio *corolário* que se mostra invertido. Do fim da metafísica como ciência não se flui a inutilidade da mesma, algo que Kant nunca dera indícios de asseverar, e pelo contrário, a partir de sua impossibilidade como ciência que frisa-se, *autônoma*, o que fizera à metafísica não fora impossibilitá-la, mas apenas “empreender uma redefinição de seus âmbitos e propósito” (CAYGILL, 2000, p. 229-230) e transvalorá-la em “crítica da faculdade da razão com respeito a todo o conhecimento a priori puro” e a “ligação sistemática de todo o conhecimento” sem o qual a teoria e a prática se tornariam inviáveis. Algo perceptível principalmente nas ciências Físicas e Matemáticas e na crítica da razão prática.

própria razão, destrinchá-la em sua capacidade, historiá-la e explorar seus fundamentos analisando constantemente seus resultados, como o faz a Filosofia?^{12, 13}.

Em verdade, observa-se o contrário, a Filosofia é quem evidencia os caracteres da própria ciência, delineando seus requisitos através de uma análise sistêmica do conhecimento. Como bem interpõe Heidegger, as ciências podem tudo menos “negar sua procedência. Não podem, contudo, rejeitá-la, pois a cientificidade das ciências é a certidão que atesta seu nascimento da Filosofia” (HEIDEGGER, 1979, p. 73).

A Filosofia como fenômeno ocidental têm como berço a Hélade. Sobretudo no intervalo de 900-300 a.C. Nesse interstício, a Filosofia concebe junto a si e evidencia, inclusive de uma perspectiva etimológica, os caracteres da *ciência* tal como hoje a conhecemos. Elenca seus requisitos em um processo de discernimento para que o saber não só tome contornos nítidos e válidos, mas que também se diferencie da opinião e senso comum (PLATÃO, 2018, p. 155, Men. 98^{a,b}).

Com isso, vai além e traça também as qualidades elementares que vão diferenciar esse conhecimento nomeado de científico de outros (ARISTÓTELES, 2010, p. 251-253, Analíticos

¹² E isso *ab início*. Já na obra *Odisseia* de Homero vemos Ulisses peregrinar sobre o globo em um mundo onde o sobrenatural e natural se misturam. Deuses, semideuses, gigantes, quimeras e feiticeiras permeiam o firmamento, seres cujo qual a lida supera largamente as forças humanas. Esses seres encontram-se em extratos que variam do sobre-humano ao divino. Em vista disso, por mais que Ulisses possua graus de força e coragem, essas pouco lhe serviriam. Desde cedo os rapsodos e poetas gregos bem assimilaram que quanto ao homem, face as forças e intemperes da natureza, sua aptidão física pouco representava. Nesse diapasão, a razão se mostra a única arma fiável contra crueza e ferocidade que o mundo desvela. O homem perante o universo se evidencia como frágil e transitório. Entretanto, a racionalidade é a ferramenta com o qual triunfa sobre o mundo. É arma que dispõe para contra-balancear sua debilidade material natural de corpo. A exortação da razão encontra ecos, seja em Homero advertindo que este é o valioso recurso que o indivíduo dispõe para se equiparar as forças do mundo; seja com Hesíodo que irá utilizá-la como formação pedagógica em o *Trabalho e os Dias* para lecionar sobre justiça e a virtude entre os pares e os cidadãos. Em Xenófanes de Colofão essa herança irá se transformar em exortação ao *lógos* que adverte aos perigos do caráter antropomorfista que a religiosidade impõe, e com ela os efeitos deletérios que pode decorrer em relação a população. O que não passa despercebido por próceres com intenções de melhor controle de indivíduos e das massas (XENÓFANES, 1978, p. 69). Com isso em mente, Heráclito orienta a seus próximos em aforismos que sábio é escutar *não a ele*, mas a *razão*: “Não de mim, mas do *lógos* tendo ouvido é sábio homologar tudo é um” (HERÁCLITO, 1978, p. 84). Parmênides, em seu poema *Sobre a Natureza*, rende os caminhos que o homem possui para se orientar, cinde-se em dois essenciais. O caminho da *Doxa* – ou da opinião – ou o caminho da *Episteme* – ou do conhecimento, e roga aos indivíduos em sua declamação que tenham a sabedoria de seguir, não ao primeiro, mas ao último (PARMÊNIDES, 1978, p. 141). Advertência que se faz irrefletida por muitos ainda hoje.

¹³ Nesse sentido, essa cisão possui justificação muito mais alicerçada em descompromissada retórica do que atestação e argumentação real. A fragilidade da asserção não resiste a um escrutínio mais sólido. O que tal asserção tenciona trespassar é uma visão simplória e caricata de “uma estrita divisão de objetos e modalidades de discurso: ao cientista, a descoberta de estruturas e leis que permitem adiantar conclusões seguras sobre a natureza e o comportamento de realidades concretas, palpáveis;” já no que tange ao “filósofo, as conjecturas inverificáveis sobre seres problemáticos (Deus, a alma), cuja própria existência é sempre discutível” (MOREAU, 2003, p. 37). Algo notoriamente apartado da realidade. Tomando em demérito o fato de que a Filosofia não se coloca em retirada frente a questões problemáticas. Sejam elas quais for. Por contrário, reconhece o próprio desconhecimento. Com ele trabalha e progride. Desconfiando de seus próprios resultados, o fazendo por cautela, onde o emprego da temperança se constitui regra.

Pos., Livro I, Cap. II), como por exemplo, o intuitivo, que exsurge da religiosidade ou da experiência mística reveladora, ou o saber advindo da experiência artística e seus efeitos catárticos, que não só geram conhecimento, por vias diversas, mas detém papel preponderante na educação coletiva e dos indivíduos. Principalmente ao que tange à compreensão das afecções (JAEGER, 2013, Livro II). Todos esses elementos são importantes por si só.

Entretanto, a Filosofia deles se diferencia, sem, contudo, renunciar ao exame desses objetos de aprendizagem – religião e estética – como elementos passíveis de pesquisa e escrutínio científico. Promove através de perquirição racional uma análise de seus conteúdos e constrói uma arqueologia dos saberes, organizando-os e esboçando seus respectivos espaços frente a racionalidade e como podem comunicar-se entre si. Seja em complementação mútua, ou atuando em síntese criativa superando seus propósitos originais e específicos (ARISTÓTELES, 1979, p. 237-268).

De uma abordagem histórica, quando estamos a falar ao menos do ocidente, as ciências somente ganham autonomia *visível* frente à religiosidade e outros tipos de aprendizagem com o florescer da Filosofia. Perceba: a Filosofia não é anterior ao conhecimento, nem poderia o sê-lo. Esse ocorre de diferentes formas, seja através do sensualismo físico, seja através da experiência mística iniciática reveladora, ou através da autoridade dogmática imposta por tradição que transmite dados.

Entretanto, mais importante do que isso é compreender o que *difere* o conhecimento da Filosofia dos supracitados. Essa questão ajuda a compreender sua origem e como a partir dela temos a organização dos caracteres da *ciência* onde o próprio conceito de Filosofia dele se eleva e revela.

Veja-se. De uma perspectiva dilatada, babilônios e egípcios de muito dominavam vários conhecimentos. Entre eles, a Matemática, Astronomia¹⁴, ¹⁵, Medicina, Engenharia e Arquitetura. Não somente isso, possuíam uma linguagem escrita avançada com utilização de hieróglifos (FARA, 2014, p. 25). O mesmo se podendo dizer de outros povos como os fenícios, que desenvolveram uma escrita por muito refinada.

De uma perspectiva genealógica, herda-se desses últimos, na região da anatólia, uma escrita polida onde se desenvolvera um alfabeto fonético em proximidade tal com o qual hoje

¹⁴ “Os babilônios eram bons em astronomia, ou seja, na análise do firmamento. Ao longo de muitos anos, começaram a reconhecer padrões nas posições das estrelas e dos planetas no céu à noite. Acreditavam que a Terra estava no centro das coisas e que existiam conexões poderosas – mágicas – entre nós e as estrelas. (...) Havia uma ligação íntima entre astrologia e astronomia na Babilônia Antiga – e por muitos séculos depois disso” (BYNUM, 2017, p. 7).

¹⁵ “A astronomia egípcia era semelhante à dos babilônios, mas a preocupação egípcia com a vida após a morte significava que eles eram mais práticos na observação das estrelas” (BYNUM, 2017, p. 8).

conhecemos e utilizamos (HOOKER, 1996 p. 269, 272-288). Não somente isso, outros conhecimentos amotinam-se. Os fenícios examinaram e cartografaram inúmeras rotas marítimas, aperfeiçoaram a produção de bens de consumo para fins estritos de mercancia e manufatura. Despontaram uma incipiente indústria com sensível influência econômica nas regiões circunjacentes e farta de conhecimentos práticos (AZEVEDO, 2012, p. 199).

Não se pode olvidar os feitos e influências dessas civilizações. Principalmente porque as provas indicam que dispuseram de rico intercâmbio cultural com a civilização grega e suas colônias (LIVERANI, 2020, p. 568-576; ARISTÓTELES, 2016, p. 43, Met. Livro I, 1, 981b1-25; HERÓDOTO, 2019, p. 181; Livro II, CIX), o que indiscutivelmente teve reverberações diretas e indiretas para o advento da Filosofia, e a ela somam-se, inclusive em seu conceito.

Os indícios arqueológicos e o estágio contemporâneo das investigações históricas corroboram esse direcionamento e negligenciar tais ocorrências, é estar susceptível a recair em erros epistêmicos e etnocêntricos cujos quais já se permanecera por demasiado tempo¹⁶ (LIVERANI, 2020, p. 59). O discurso inebriante e fácil de “milagre grego” como gênese da Filosofia neblinou o reconhecimento dos fatores que contribuíram para seu advento. A emergência da Filosofia não se desvela como episódio extraordinário, e negar isso é o primeiro passo para compreender seu *conceito*.

Para que as circunstâncias se encontrassem maduras e, portanto, adequadas, não excedendo quiddidade cognitiva do ser humano, mas a consolidando, sucedeu-se um desprendimento de caracteres que, por vezes, de uma perspectiva histórica, se relacionaram dogmaticamente com o conhecimento e ainda hoje, por vezes, o fazem. Foram necessários, quando menos, seis séculos de gestação e desenvolvimento¹⁷ de um *hábito* e *disposição* de forma de raciocínio e exercício de pensamento crítico que questiona o ente em seu radice, rechaçando diuturnamente nexos causais indemonstráveis (ARISTÓTELES, 1995, p. 53, Cap. VIII, 25-30; 1979, p. 67, Livro II, Cap. I, 1103b).

Nesse esteio, talvez a maior diferença resida que o conhecimento e formação das civilizações anteriores – Babilônia e Egito, citados precedentemente à guisa de exemplo – não tencionaram ou puderam, ou até o fizeram e não o sabemos, também uma possibilidade, por plêiade de motivos cuja discussão não se mostra propícia, mas que tem sido objeto de

¹⁶ Como o *eurocentrismo* denunciado por Burguière (1993, p. 313). Impingido durante muito tempo.

¹⁷ Fruto de um processo estrutural que se torna perscrutável: desenvolvimento linguístico, cultural, comutação comercial e marítima, frequente intercâmbio gentílico entre povos e paz relativamente duradoura foram fatores que contribuíram para maturação.

interessantes pesquisas (MIEROOP, 2016)¹⁸; se emancipar de explicações ligadas a “magia, religião e [a própria] tecnologia” (BYNUM, 2017). Nesse diapasão as lacunas ainda se fazem muitas e a falta de informações dificulta a perspectiva de conjecturas, respaldos ou diagnósticos¹⁹.

Sem embargo às observações necessárias quanto às outras civilizações, quando os gregos apartaram gradativamente as duas primeiras – magia e religião – da última – tecnologia – é sobejamente provável que acabaram por instaurar como corolário uma possibilidade permanente de desenvolvimento do conhecimento em si e por si, como *hábito*, sem amarras de dogmas. Isso se torna algo visível tão cedo quanto a época de Sólon, um dos *sóphos* gregos, que pelo relato de Heródoto ao travar o diálogo com o Rei de Creso o faz sem qualquer apreço hierático²⁰. Situação de similar jaez se faz o relato de Tucídides sobre Péricles em similar dileção²¹. Dessa forma, é possível inferir que no século IV-V esse desprendimento já se

¹⁸ “The Babylonian theory of knowledge was to an extent empirical — observation was crucial. It was also fundamentally rooted in a rationality that depended on informed reading. Reality had to be read and interpreted as if it were a text. Just like Descartes, the Babylonians knew that senses can deceive and that observation alone is not enough for knowledge. They had a method of finding truth, and if they had any doubt about their own existence it was removed by the knowledge that they could read to understand. “I read, therefore I am” could be seen as the first principle of Babylonian epistemology” (MIEROOP, 2016, p. 10) [A teoria babilônica do conhecimento era até certo ponto empírica — observação era fundamental. Também estava fundamentalmente enraizado em uma racionalidade que dependia da leitura informada. A realidade tinha que ser lida e interpretada como se fosse um texto. Assim como Descartes, os babilônios sabiam que os sentidos podiam enganar, e que a observação por si só, não era suficiente para conhecimento. Eles tinham um método de encontrar a verdade, e se eles tivessem alguma dúvida sobre sua própria existência foi removida pelo conhecimento de que eles podiam ler para entender. “Eu leio, logo existo” pode ser visto como o primeiro princípio da epistemologia babilônica.]

¹⁹ Como bem diz José Cavalcanti de Souza (1978, p. VI): “A arqueologia veio substituir muitas das elucubrações por indicações bem mais seguras e convincentes, demolindo preconceitos e, às vezes, propondo hipóteses novas de trabalho”, e acrescenta-se: esperamos que o continue fazendo.

²⁰ “Sólon, tendo saído de Atenas por esse motivo e, *também, para satisfazer a curiosidade*, dirigiu-se primeiramente ao Egito, à corte de Amasis, e de lá a Sardes, à de Creso, que o recebeu com distinção e o alojou no próprio palácio real. Três ou quatro dias depois de sua chegada, foi conduzido, por ordem do príncipe, ao tesouro onde Creso lhe mostrou todas as suas riquezas. Quando Sólon já tinha visto e observado bem tudo, o rei falou-lhe nestes termos: ‘A notícia de tua *sabedoria e de tuas viagens* chegou até nós; e não ignoro absolutamente que, percorrendo tantos países, *não tens outro fim senão o de instruir-te sobre as suas leis, seus costumes e aperfeiçoar teus conhecimentos*’” (HERÓTODO, 2019, p. 46, grifo nosso).

²¹ “*Somos amantes da beleza sem extravagâncias e amantes da filosofia sem indolência*. Usamos a riqueza mais como uma oportunidade para agir que como um motivo de vanglória; entre nós não há vergonha na pobreza, mas a maior vergonha é não fazer o possível para evitá-la. Ver-se-á em uma mesma pessoa ao mesmo tempo o interesse em atividades privadas e públicas, e em outros entre nós que dão atenção principalmente aos negócios não se verá falta de discernimento em assuntos políticos, pois olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas de seus próprios interesses, mas como um inútil; *nós, cidadãos atenienses, decidimos as questões públicas por nós mesmos, ou pelo menos nos esforçamos por compreendê-las claramente, na crença de que não é o debate que é empecilho à ação, e sim o fato de não se estar esclarecido pelo debate antes de chegar a hora da ação*. Consideramo-nos ainda superiores aos outros homens em outro ponto: somos ousados para agir, mas ao mesmo tempo gostamos de refletir sobre os riscos que pretendemos correr, para outros homens, ao contrário, ousadia significa ignorância e reflexão traz a hesitação. Deveriam ser justamente considerados mais corajosos aqueles que, percebendo claramente tanto os sofrimentos quanto as satisfações inerentes a uma ação, nem por isso recuam diante do perigo. Mais ainda: em nobreza de espírito contrastamos com a maioria, pois não é por receber favores, mas por fazê-los, que adquirimos amigos. De fato, aquele que faz o favor é um amigo mais seguro, por estar disposto, através de constante benevolência para com o beneficiado, a manter vivo nele o sentimento de gratidão. Em contraste, aquele que deve é mais negligente em sua amizade, sabendo que a sua

encontraria avançado em muitos indivíduos que a Filosofia se dedicava, o que tornaria seus frutos bastantes conhecidos e férteis. Desembocando de maneira contundente no período posterior do helenismo em uma maior expansão ao ocidente.

Com isso, contornos nítidos foram traçados e a busca pela exatidão do conhecimento *ou* sua validade e eficácia lastreada pelo *procedimento cognitivo verificável* ratificou-se como método a ser seguido. Onde demonstração e correção se fizeram base. Ganhara-se, com isso, impulsos sólidos e sucessivos que inúmeros decênios mais tarde sedimentaram a olhos nítidos os fundamentos da *ciência* para validação de qualquer informação que se propugnasse científica. O “amor pelo conhecimento” determinaria três fundamentos que consistiriam na base segura de informações: a) demonstração; b) descrição; c) corrigibilidade.

Essas qualidades procedimentais e de perscrutamento da ciência já se encontravam nos diálogos socráticos. Neles, as assertivas são sistematicamente corrigidas através de fina dialética, e o resultado de aporia é acolhido com placidez como corolário natural de qualquer processo científico. Posto que passível de incorrer. E que amiudadamente ocorre. Processo com o qual convive-se regularmente a nível de pesquisa, principalmente quando levado em apreciação o escopo do possível dos interlocutores adjunto o tempo que esses dispõem para desnudar maiores conhecimentos.

Tão importante é a lição que fica e não se encontra escrita, mas subentendida em relação às aporias e sua inteligência. Não se avança à corolários se as premissas não o permitem. Quando se trata de cientificidade, conhecer a extensão *daquelas* e verificar se delas decorre acertadamente os efeitos, torna-se crucial para o conhecimento exato. Evita-se, com isso, saltos lógicos, reforça-se a verificabilidade, ou quando menos, torna razoável as ponderações para maiores avanços e escrutínio da comunidade científica que sempre sucede ao indivíduo.

Bem analisado, tais características encontram-se tal-qualmente nos “pré-socráticos” que corrigiam suas hipóteses entre si e atentavam-se às investigações de seus contemporâneos, onde a divergência entre mestre e discípulo ocorria normalmente quando a busca pela verdade a isso orientava. Mudanças visíveis em Tales, Anaximandro e Anaxímenes de Mileto. E também entre Sócrates e Platão, a meio é claro de outros tantos exemplos (ARISTÓTELES, 1979, p. 52, *Ética*, Livro I, §6, grifos do autor)²².

generosidade, em vez de lhe trazer reconhecimento, apenas quitará uma dívida. Enfim, somente nós ajudamos os outros sem temer as consequências, não por mero cálculo de vantagens que obteríamos, mas pela confiança inerente à liberdade” (TUCÍDIDES, 2001, p. 100-111; Livro II, §40, grifo nosso).

²² “Seria melhor, talvez, considerar o bem universal e discutir a fundo o que se entende por isso, embora tal investigação nos seja dificultada pela amizade que nos une àqueles que introduziram as *Formas*. No entanto, os mais ajuizados dirão que é preferível e que é mesmo nosso dever destruir o que mais de perto nos toca a fim de

Portanto, quando Sponville (2003) introduz a concepção que Filosofia não seria *ciência*, sabe-se que tal asserção se faz errônea. E por inúmeros outros motivos além da constatação que é a Filosofia no ocidente que faz a dação e construção do procedimento e validação do conhecimento que se nomeará científico. Com isso, a Filosofia interpela e perscruta as estruturas universais necessárias, elencando padrões e critérios de avaliação do conhecimento e sua comparação com outros saberes, erigindo a própria concepção de *ciência*.

Tão importante quanto isso é diagnosticar onde encontra-se o equívoco de Sponville e o que levava a erro. Isso se faz importante para se compreender onde se deve avançar. O erro cinge-se pela tomada de uma definição *nocional* de Filosofia tal como se fosse uma definição *real*, algo que, historicamente, devido ao supracitado efeito de análises sintéticas, se fizera tanto comum.

A definição nocional se faz aquela “que dá certa concepção do objeto, dizendo mais *o que o objeto faz do que o que é*” (ABBAGNANO, 2012, p. 274, grifo nosso). E a definição *real* tenta expor do objeto sua *essência* e *substância* onde investiga-se “o próprio ser de qualquer coisa, aquilo por que ele é o que é” (LOCKE, 1978, p. 230; Ensaio, 3.3.15). Devido a essa inversão de tomada que pode, e tudo indica, não ter sido voluntária, a conceituação torna-se malsucedida. Contudo, quando Sponville enumera o que é *ciência* encontra-se ao menos em trajetória correta, posto que no que tange aos caracteres desta, encontramos-nos mais atentos e cômicos de sua exactidão:

O que é uma ciência? É um conjunto de conhecimento, de teorias e de hipóteses referentes ao mesmo objeto ou ao mesmo domínio (por exemplo, a natureza, os seres vivos, a Terra, a sociedade...), que ela constrói mais do que constata, historicamente produzidos (toda verdade é eterna, nenhuma ciência o é), logicamente organizados ou demonstrados, tanto quanto podem o sê-lo, coletivamente reconhecidos, ao menos pelos espíritos competentes (é o que distingue as ciências da filosofia, na qual os espíritos competentes se opõem), enfim – salvo no caso da matemática – empiricamente falsificáveis. Se acrescentamos a isso que as ciências se opõem geralmente à opinião (um conhecimento científico é um conhecimento que se oferece por si mesmo), podemos arriscar uma definição simplificada: *uma ciência é um conjunto ordenado de paradoxos testáveis e de erros retificados*. O progresso faz parte da sua essência; não é que as ciências progridam de certeza em certeza, como às vezes se acredita, porque elas se desenvolvem por “conjecturas e refutações” (SPONVILLE, 2003, p. 101, grifos do autor).

Historicamente esses são os critérios que a Filosofia irá enunciar como diferencial frente aos outros conhecimentos. Critérios estes que ainda se fazem paradigmas ou matriz disciplinar de investigação e publicização de resultados e dados científicos.

salvaguardar a verdade, especialmente por sermos filósofos ou amantes da sabedoria; porque, embora ambos nos sejam caros, a piedade exige que honremos a verdade acima de nossos amigos”.

Com tais explanações, pode-se voltar ao ponto inicial, que também se faz o ponto de ruptura. Demonstrado a cientificidade da Filosofia, seja porque a ciência lhe é congênita, seja pela enunciação dos caracteres da lógica de pesquisa e suas descobertas; falta-lhe ainda responder: Qual o objeto dessa ciência? Qual seu método? Qual seu propósito e direção? Como ela se dá? Existe a necessidade de se responder, compreender e circunscrever o seu *conceito*.

a) *Do conceito de Filosofia e seu objeto.*

Para que essa tarefa possa ser bem-sucedida, deve ser feita de forma que não incida nos descuidos iniciais precedentes. Fitando-a de forma suficiente. Não podendo ser “muito indireta ou oblíqua, demasiadamente artificial, [ou] abstrata demais” como bem percebera Deleuze e Guattari (2010). Nesse sentido é preciso “*dominá-la pela rama*” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 7, grifo nosso) de modo que se deve examiná-la *ab initio*, para depois, a despeito das advertências desses autores, ser por ela engolido. E isso de modo inevitável.

Ademais, como toda tese é uma “proposição apresentada para ser demonstrada, ou para ser tida em consideração” (MAUTNER, 2011, p. 737) a qual deve ser subjugada por pares, tenho a certeza de que necessitaria de maior espaço para esmiuçar o objeto e demonstrar com clareza a hipótese proposta e os dados que à calcam e alicerçam. Contudo, o confim monográfico se faz insuficiente para tal intento.

Quanto a isso a fortuna irá por bem encarregar-se de continuar a dissertação em lugar mais consentâneo e com maior interregno de tempo, além de maior calma e abertura para maiores análises críticas. Feitas tais ressalvas, resta assentar que dissertar-se-á primeiramente sobre o objeto, *depois* sobre o método, e por último, o propósito como ciência. Depois ir-se-á a outra etapa, permanecendo, entretanto, somente a primeira parte como escopo desta monografia. A despeito disso e sem embargo de aceitar essa condição inicial, pretendo iniciar a pesquisa por este instrumento acadêmico ciente de suas limitações. O começo é a metade do todo conforme dispôs Aristóteles (1979, p. 57; Livro I, §7, 1098b5). Detemo-nos sobre objeto desta ciência e que irá, por isso, compor o seu conceito, *stricto e lato*.

Como conceito *stricto* a Filosofia é a ciência que estuda o fenômeno do *conflito* e os corolários que dele derivam. Esses carregam em si o próprio *conflito* em potência, que impreterivelmente se atualizam em *ato*. Esta *quididade* própria do *conflito* de trespassar de potência à ato, e no ato, conservar-se como potência, formando novos elos, o torna ao *prisma* da finitude, algo infindável.

Essa mesma propriedade se envolve em uma estrutura complexa com diversas camadas como princípio que a tudo permeia, convergindo e concorrendo em diferentes gradações. O conflito, nesse sentido, empreende causas e efeitos que atuam, por vezes, em reciprocidade em diversas áreas da realidade, atravessando não só as ciências da natureza, mas as ciências humanas. Com isso, o conflito se desvela de inúmeras formas. Seja como contradição, contestação, desacordo, degeneração, pergunta, oposição de forças, tensão, compensação, limitação, ceticismo, dúvida ou estarecimento (PLATÃO, 2007, p. 77, 155c-d), e desnível de asserções, de modo que, ao menos para a episteme, esse é o movimento da própria existência no qual conexões de causa e efeito se revelam como necessárias, mas que, ao mesmo tempo, por serem desnudáveis à razão, mostram-se passíveis de manipulação pelo *espírito subjetivo* nas divisas que a própria *physis* impõe e possibilita.

O conflito se coloca de várias formas. Platão irá perscrutá-lo pelo estarecimento. Perplexidade esta que se inicia através da percepção do quanto se ignora perante a vastidão da existência, o que fomenta o conflito interior de compreender *mais e melhor*. Como Sócrates bem depreendeu, o primeiro passo é perceber que nada se sabe. E a partir dessa constatação atuar com diligência e cautela. Analisando e revisitando cada desenvolvimento, haja visto que o conflito também se instala justamente no que se pensa saber. O conhecimento se mostra sempre perfectível, e por isso, também, sempre incompleto. Nessa procura por maior integralidade o amor pelo conhecimento se constitui. Torna-se oriundo da carência que se transforma em pulsão de vida epistemofílica. Onde o conhecimento é diligentemente conquistado, mas onde também reside conflito para aprimorá-lo, e após isso, para mantê-lo (PLATÃO, 2018, p. 73-74, grifo nosso, Banquete, 200^{c,d})²³.

Não se vence a condição de insciência a não ser parcialmente. A partir dessa vitória parcial atua-se no espírito objetivo em vista de que no espírito absoluto essa vitória transcenda e encontre legatários alçando-se a outro espírito subjetivo, e assim, continue a desvelar o *ser* como bem apreendera Hegel²⁴. O *conflito*, desse modo, é compreendido, estudado, pesquisado

²³ “(...) de minha parte Agaton, estou inteiramente convicto *de que se trata de uma necessidade*. (...) desejam também o que já possuem: isso é por mim aduzido para evitar que sejamos enganados; esses indivíduos, Agaton, se o examinares, verás que estão obrigados pelo império da necessidade de possuir no momento cada coisa que possuem, o queiram ou não. E como – pergunto – irá alguém querê-lo? Ora, quando alguém declara ‘Sendo eu saudável quero ser saudável, sendo rico quero ser rico – quero as próprias coisas que possuo’, dir-lhe-emos ‘Ó homem, riqueza, saúde e força já possuis, que é o que quererias também possuir no tempo vindouro, uma vez que no presente tu os possuis quer os queiras ou não. Quando declaras ‘quero estas coisas presentes [que já possuo], aventamos que tudo que fazes é declarar: ‘*Quero estas coisas atualmente presentes também estejam presentes no futuro*’ Ele não concordaria com isso? (...) não se dirige Eros a determinadas coisas, das quais, em segundo lugar, ele tem necessidade?’”.

²⁴ “Uma vez que esse sistema conceptual não é estático, mas desenvolve-se e manifesta-se em níveis sucessivamente mais elevados da natureza e no avanço do conhecimento humano ao longo da história, o absoluto

e trabalhado, mas nunca plenamente esgotado e quiçá em nenhum momento possivelmente o será.

Nesse interstício, jaz melhor demonstrar como o conflito se instala e dá início ao movimento de compreensão chegando à Filosofia. O conflito originário surge por várias vias. Porém *uma* em específico fascina: o conflito que emerge através do sentimento de *absurdidade* do indivíduo perante o mundo. E que em todos os séculos se faz presente e é passível de rastreamento, posto que deixa vincos profundos não só no conhecimento, mas na biografia desses indivíduos. O ser humano se vê diante de uma falta de justificação e de sentido para o mundo. Não compreende o valor de sua existência. A angústia é companhia intolerável. Quem oferecerá respostas? O que há de afiançável? Ao menos à princípio, só há injustiça, dor, sofrimento onde tudo parece arbitrário. Há sentido que justifique a vida? A condição humana é de criatura aparentemente fraturada e jogada ao mundo no qual tudo está em *conflito puro* e nada é estável. Os fenômenos são agudos e rápidos e não acompanham a capacidade de compreensão do ser humano em um primeiro momento.

Entretanto, o conflito advindo da absurdidade também impele à resposta²⁵. Impele à própria compreensão de si. E assim a pulsão de vida gradualmente equaliza-se frente à pulsão de pensamento²⁶. O corpo demonstra à mente que há pelo que existir e vivenciar. Assim, o conflito permeia a aceitação do indivíduo e é por ele absorvido, naturalizando-se. O indivíduo não aceita mais uma pulverização de sentido ante a existência. *Se não há sentido, irá construí-lo. E se há, descobrirá se fazendo igualmente capaz de compreendê-lo.* Nesse esteio, o indivíduo aceita toda desfaçatez do mundo contra si, porém não mais calado, e não mais sem descortinar os motivos brutos e sutis que se ocultam nos meandros do intelecto e da sensibilidade que os coloca imperiosamente diante de si.

Tudo menos a ausência de respostas. De forma que:

tampouco é estático, mas desenvolve-se e atinge o seu estágio final na própria filosofia de Hegel. O que é absoluto não é exclusivamente imediato ou incondicionado. Por exemplo, a filosofia, a fase suprema do absoluto e ela própria ‘conhecimento absoluto’, depende de certo meio ambiente natural e cultural. Mas liberta-se desse meio ambiente pondo – digamos – em dúvida a sua existência, concentrando-se em conceitos puros, não-empíricos, ou conceptualizando esse meio ambiente. De modo semelhante, os seres humanos em geral suprassumem o meio ambiente natural de que dependem mediante suas atividades cognitivas e práticas (‘ESPÍRITO’). Por essa razão e também porque o sistema conceptual que estrutura a natureza e a história forma o núcleo da MENTE humana, o absoluto é espírito” (INWOOD, 1997, p. 40).

²⁵ “Ocorre que os cenários se desmoronam. (...) um dia apenas o ‘porque’ desponta e tudo começa com esse cansaço tingido de espanto. ‘Começa’, isso é importante. O cansaço está no final dos atos de uma vida mecânica, mas inaugura ao mesmo tempo o movimento da consciência. Ele a desperta e desafia a continuação. A continuação é o retorno inconsciente à mesma trama ou o despertar definitivo. No extremo do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento” (CAMUS, 2004, p. 13).

²⁶ “Começar a pensar é começar a ser minado. A sociedade não tem muito a ver com esses começos. O verme se acha no coração do homem. É ali que é preciso procurá-lo. É preciso seguir e compreender esse jogo mortal que arrasta a lucidez em face da existência à evasão para fora da luz” (CAMUS, 2004, p. 7, grifo nosso).

(...) o homem se vê diante do irracional. Sente dentro de si o desejo de felicidade e de razão. O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio despropositado do mundo. E isso que não se deve esquecer. É a isso que é preciso se agarrar, pois toda a consequência de uma vida pode nascer daí. O irracional, a nostalgia humana, o absurdo que surge do diálogo entre eles: eis os três personagens do drama que deve necessariamente, acabar com toda a lógica de que uma existência é capaz (CAMUS, 2004, p. 23).

Com isso, a *teleologia*, ferramenta fenomenológica que o indivíduo descobre em si, constrói respostas ante o conflito. Respostas que exercem uma autopsia²⁷ no próprio *ser*. O primeiro caminho será o conhecimento advindo da observação crua e a transmissão desse conhecimento, que, porquanto inexato, se transmite melhor através de uma *teologia*.

À guisa de exemplo, os helenos argumentavam que no princípio tudo consistia no “*Caos* (vazio primordial, vale profundo, espaço incomensurável), matéria eterna informe, rudimentar, mas dotada de energia prolífica” (BRANDÃO, 2018, p. 162, grifos do autor). Nesse diapasão, ao menos de uma perspectiva de herança coletiva, o povo grego e suas colônias realizaram as primeiras tentativas de um RELIGARE²⁸ das partes frente ao todo aceitando sua insignificância perante a extensão de tudo que há, mas não docilmente, tentaram arrancar do mundo explicações sobre sua configuração não aceitando a aparência de irracionalidade. Assumiram, ao menos de início, que tudo parecia caótico e equívoco, mas lentamente o cosmo²⁹ emerge³⁰.

Passado esse estágio inicial afirma-se a vida. Padrões se desvelam ao homem. Organiza-se fragmentos da existência em sistematicidade de grandeza e ordem. A necessidade atua como *devoir* do *ser* e este último pode ser explanado em sua funcionalidade. Do *Caos*, cinge-se o início e a origem. Dele advém Érebo – escuridão profunda – que irá originar a Noite – Nix – que devido à própria necessidade de fixação de identidade origina seu oposto, o Etér ou *Dia*. O Etér revela no *Caos* a textura da Terra – Geia – em um ato de esclarecimento. Nesse sentido, o *ser*

²⁷ Não utilizo o termo com sua conotação contemporânea. Ou com a conotação da terminologia médica. Mas sim em seu sentido original, que é “ver por si próprio” do grego clássico *αυτοψία*, sendo composta por *αυτος* (autós, “si mesmo”) e *ὄψις* (ópsis, “visão”).

²⁸ Religião que advém do vocábulo latino: RELIGARE, “atar firmemente”, de RE-, intensificativo, mais LIGARE, “unir, atar”, pelo sentido de “atender a uma obrigação” ou mesmo “laço entre o ser humano e o divino”.

²⁹ Kosmós em Grego significaria “ordem, disciplina, organização”.

³⁰ Não só as explicações míticas gregas admitiram o *caos*, ou um princípio de incerteza inicial como limite. Brandão (2018, p. 194, grifos do autor), nesse sentido, erige interessante proto-síntese do ponto inaugural das explicações religiosas em outras culturas. Nesse sentido, veja-se: “No Gênesis, 1,2, diz o texto sagrado: *A terra, porém, estava informe e vazia, e as trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas*”. Trata-se do *Caos* primordial, antes da criação do mundo, realizada por Javé, a partir do nada. Na cosmogonia egípcia, o *Caos* é uma energia poderosa do mundo informe, que cinge a criação ordenada, como o oceano circula a terra. Existia antes da criação e coexiste com o mundo formal, envolvendo-o como uma imensa e inexaurível reserva de energias, nas quais se dissolverão as formas nos fins dos tempos. Na tradição chinesa, o *Caos* é o espaço homogêneo, anterior à divisão em quatro horizontes, que equivale à criação do mundo. Essa divisão marca a passagem ao diferenciado e a possibilidade de orientação, constituindo-se na base de toda a organização do cosmo. Estar desorientado é *entrar no Caos*, de onde não se pode sair, a não ser pela intervenção de um *pensamento ativo*, que atua energeticamente no elemento primordial”.

clareia a si. E da própria necessidade de anteposição à Geia delinea-se uma delimitação que lhe seja própria despontando-se Urano – o Céu – limitador natural do firmamento.

Esse movimento que evidencia a identidade, e com ela, espontaneamente, seu antagônico, apruma um atributo específico dos entes e de sua substância intimamente ligada às forças de atração e repulsão dos corpos. A força de afirmação de uma identidade impreterivelmente gera outra identidade como negação. Os antigos irão nomear esses efeitos através da alusão dos efeitos das afecções do amor e seu contrário, o ódio. De forma que essas atrações que se encontram no amago da natureza são efeitos naturais da substância. Quando esse mesmo amor- atração, ou Eros, intervém entre Geia e Urano, resulta-se uma profusa descendência de entes. Entre eles o Mar e as Oceânides que nada mais são o resultado do movimento e dança da atmosfera com a terra em uma mistura proflua de atributos que mutuamente se seminam, dando fruto às diversas espécies em reações físico-químicas.

O resultado dessa dança lança um descendente peculiar que nasce de forma silenciosa, quase imperceptível, mas que sempre estivera ali presente. Descendente este que determina a duração de todas as coisas extensas, e também regulamenta a duração das interações dos entes entre si. Nasce o *Tempo*. Ou, como os gregos irão denominar, *Cronos*.

Dessa pluralidade de entidades que entre si interagem através do amor ou da repulsa, Cronos inevitavelmente trará como corolário dois outros atributos, *Gueras* – Velhice – e *Tânatos* – a Morte. Efeitos que se adequam a todos os seres. Inclusive, seu próprio pai, que se desgasta em potência se tornando eventualmente estéril, castrado pelo próprio tempo. Através do *conflito*, o tempo perpetua-se. Germinando a potencialidade geradora e farta de Geia, e com essa mantendo seus próprios descendentes. Entretanto, o conflito não cessa. E por isso, nem seu movimento.

Os filhos do Tempo, Deuses eles próprios, irão destroná-lo. Cronos está atento ao inevitável movimento do conflito, assim fora com seu pai Urano, assim pode ser ou será consigo no futuro. Tenta impedi-lo, quando menos, retardar seu acontecimento. Mas compreende que é de sua própria natureza ser sucedido. Sabe que falhará. Neste sentido, irresignado e insubmisso existe, porém fragmentado e sempiterno. Seu consolo? Os próprios deuses que dele surgiram como explicação provisória do universo, e cujo qual dera luz, serão destronados. E isso pela própria criatura que o tempo engendra através de sua união com a terra – o Húmus – cujo corolário natural será o Homem.

De forma que, quando a ascensão da *razão* se realizar, e irá, os Deuses já não serão mais necessários. Existirão, mas não por ordem da necessidade. Mas para aqueles que não se emancipam. Entretanto, os indivíduos lentamente se emanciparão. Sempre existirá os

emancipados. Este será o apenamento dos Deuses por tomarem a explicação causal do todo. O homem entenderá a natureza pelo que ela é. E a manipulará em seus limites sem apelo a terceiros. Entendendo em parte o conflito, possuíra a chave para compreender o todo. A *absurdidade* cede frente à razão. O conflito agora se faz de outra ordem. Quer compreender com o tempo que lhe subjaz, que não se faz muito, mas em conjunto, se faz o suficiente, realizar a *vontade de potência de razão*. Razão que subjaz em potência em todos. Precisando ser desperta. Nesse esteio, Aristóteles vaticina a condição que o *humano* se encontra, condição latente em si:

TODOS OS SERES HUMANOS naturalmente desejam o conhecimento. Isso é indicado pelo apreço que experimentamos pelos sentidos, pois independentemente do uso destes nós os estimamos por si mesmos, e mais do que todos os outros, o sentido da visão. Não somente objetivando a ação, mas mesmo quando não se visa nenhuma ação, preferimos a visão – no geral – a todos os demais sentidos, isto porque, de todos os sentidos, é a visão o que melhor contribui para o nosso conhecimento das coisas e o que revela uma multiplicidade de distinções.

Ora, os animais nascem naturalmente dotados do poder da sensação, e a partir desta alguns desenvolvem a faculdade da memória, enquanto outros não. Conseqüentemente, os primeiros são mais inteligentes e mais capazes de aprender do que os incapazes de lembrar. Os animais incapazes de ouvir sons (como a abelha e qualquer outro tipo semelhante de criatura) são inteligentes, mas incapazes de aprender; apenas são capazes de aprender os que possuem este sentido somado à faculdade de memória.

Assim, os outros animais [além do ser humano] vivem com base em impressões e lembranças, contando apenas com uma modesta parcela de experiência; a raça humana, entretanto, vive também com base na arte e no raciocínio. É a partir da memória que os seres humanos adquirem experiência, porque as numerosas lembranças de uma mesma coisa acabam por produzir o efeito de uma única experiência. A experiência parece muito similar à ciência e à arte, mas na realidade é através da experiência que os seres humanos obtêm ciência e arte, pois, como diz acertadamente Pólo ‘a experiência produz arte, mas a in experiência, acaso’ (ARISTÓTELES, 2016, p. 41-42, Livro I, Cap. I. 980^a22 - 981^a, grifos do autor).

Após as primeiras explanações exploratórias os gregos perceberam o inevitável. Quando se guia demasiadamente pela razão, percebe-se que, Deus “enquanto ser *espiritual* ou *abstracto*, isto é, *não humano, não sensível, acessível e objectivo só para a razão ou para a inteligência, nada mais é que a essência da própria razão*, a qual, porém, é representada (...) *mediante a imaginação como um ser autônomo, diferente, distinto da razão*”. De modo que estas explanações primordiais, apesar de pautadas em observações fenomênicas exteriores e inaugurais, nada mais são que:

Uma *necessidade* interna, sagrada que se *identifique* finalmente com a *razão* a essência da razão distinta da razão, por conseguinte, que se reconheça, realize e atualize o ser divino *como a essência da razão* (...) A prova de que o ser divino é a essência da razão ou da inteligência reside *em que as*

determinações ou propriedades de Deus – tanto quanto naturalmente estas são *racionais* ou *espirituais* – não são determinações da determinações da *sensibilidade* ou da *imaginação*, mas *propriedades da razão* (FEUERBACH, 1988, p. 39, Princípios, §6, grifos do autor).

Muitos *sóphos* gregos perceberam a estrita ligação que existe entre consciência com sua faculdade de doação de “intencionalidade” adjunto a *teleologia*, que por vezes culmina em *teologias* como resposta. O primeiro conflito oriundo da Filosofia nesse diapasão ocorre com a sua separação do mito. Nesse sentido, percebe-se que o “mistério da *teologia* é a *antropologia*” de jaez que àquela, quando não orientada suficientemente, encurta as respostas e “transpõe para o aquém, isto é, actualiza, determina e realiza” a *teologia* como resposta provisória ao mundo. E acalma, com isso, a consciência em seu furor por respostas (FEUERBACH, 1988, p. 19).

Nesse esteio alguns se satisfazem com essa primeira explanação religiosa, e isso até hoje, por inúmeros motivos que não cabem *aqui* explicar ou discutir. Necessário é a resposta. Ressalva-se, entretanto, que isso não indica ou direciona a uma possível interpretação Comteana (MAUTNER, 2011, p. 155) de estágios de maturidade e desenvolvimento, seja coletivo ou individual de um povo. Mas tão somente formas de vontade e representação de mundo que se misturam e encontram uma diversidade de indivíduos que os aceitam em diferentes graus de assentimento. Isso, contemporaneamente e de perspectivas pretéritas, é passível de visualização em todos os séculos precedentes, onde indivíduos conviveram entre si, cada um aceitando a suficiência de uma resposta, enquanto outros, não. Esses últimos estão marcados pelo conflito. Conflito que a Filosofia continuamente utiliza, estuda e pesquisa em uma pluralidade de cenários.

De maneira que quando a Filosofia se inicia, e instancia tal compreensão, começa-se um processo de depuração de dados e informações anteriores que se encontravam esparsos e insuficientemente analisados, apesar de corretos. Rompe-se com o mito como explicação causal do mundo e reserva-se a este apenas um caráter pedagógico inicial que, quando bem administrado, mostra-se aliado poderoso para efeitos de aprendizagem.

Com isso, os conhecimentos e saberes até então adquiridos e correntes passam por sistemática revisão de forma que a Filosofia os organiza, atribuindo a eles maior sistematicidade. Não basta que a proposição seja correta. Ela deve estar conectada a um todo que deve ser constantemente testado. E a Filosofia, como ciência, faz isso através do *conflito* utilizando-o como *instrumento* em seu benefício, para aferição de veracidade e maior e melhor grau de cognoscibilidade de seus objetos. Assim, inicia-se um processo que, com o pouco conhecimento que se têm de certo e seguro, será contraposto ao “inseguro, [pois] não lhe restaria nenhum outro meio para ampliá-lo e torná-lo seguro, a não ser comparar os

conhecimentos incertos com os certos e, a partir da igualdade ou desigualdade (...) dos primeiros com os segundos, inferir a certeza ou incerteza daqueles”. Dessa forma se “fossem iguais a uma proposição certa, então ela poderia admitir seguramente que também seriam [potencialmente] certos; se fossem opostos a ela, ele saberia doravante que seriam [potencialmente] falsos e estaria garantido contra uma ilusão” (FICHTE, 1980, p. 12). Isso tudo porque a Filosofia percebe de modo *sui generis* que:

Sem dúvida pelo fato de que as proposições singulares [corretas e sozinhas], em geral, não chegam a ser [constituir] ciência, mas só se tornam ciência no todo, por sua colocação no todo e sua relação com o todo. Mas por uma mera composição de partes não pode nunca surgir algo que não seja encontrável em uma das partes do todo. Se absolutamente nenhuma dentre as proposições vinculadas tivesse certeza, então também o todo surgido pela vinculação delas não a teria.

Por conseguinte, pelo menos uma das proposições teria de ser certa, e esta comunicaria sua certeza às demais; de tal modo que, se e na medida em que esta primeira é certa, também uma segunda tem de ser certa; e se e na medida em que esta segunda é certa, também uma terceira tem de ser certa; e assim por diante. E desse modo diversas proposições, em si talvez muito diferentes, justamente por serem todas dotadas de certeza, e de igual certeza, teriam em comum uma só certeza e com isso se tornariam uma só ciência (FICHTE, 1980, p. 12, grifo nosso).

É com essas palavras e finalidade que a Filosofia irá observar os conhecimentos anteriores. Sejam eles advindos da religião, estética ou vinculados à Matemática, Engenharia, Arquitetura e Medicina etc. Certamente, trata-se de conhecimento ou saberes, e claro, ofícios que lhe são decorrentes. Mas ainda não haviam sido edificados a *envergadura* de ciência e assim reconhecidos como, suportando com a terminologia de ciência o ônus de serem informações explícitas passíveis de crítica e aperfeiçoamento. Jaz necessário descrição, demonstração e corrigibilidade, e isso, *sempre*. Para isso ocorrer é preciso constante e permanente racionalização através do conflito. E para que isso ocorra o conflito não pode ser fitado somente indiretamente e de forma esporádica, têm de ser fitado permanentemente em seus mais diversos campos, é preciso entender sua origem e causas³¹ e com isso as conexões entre si. Perscrutar fundamentos. Onde se sustentam e por quê.

³¹ Nesse esteio, se mostra lapidar as apreensões de Aristóteles: “Os homens de experiência conhecem o fato, mas não o porquê;” (ARISTÓTELES, 2016, p. 42; 981^a30). E continua “Pela mesma razão, consideramos que os mestres, em todo ofício, merecem maiores apreços, conhecem mais e são mais sábios que os artesãos – como certos objetos inanimados – realizam coisas, mas sem saber o que realizam (como, por exemplo, [por quê] o fogo queima); somente que, enquanto os objetos inanimados executam todas suas ações devido a uma certa qualidade natural, os artesãos executam as suas através do hábito. Assim, os mestres dispõem de maior sabedoria, não devido à sua capacidade de fazer coisas, mas porque possuem uma teoria e conhecem as causas”.

Essa análise trará sistematicidade como *meio* que a Filosofia irá empregar e enraizará às ciências. De forma que o perscrutamento de causas e sua compreensão e domínio se farão base para as ciências existentes e porvindouras para que assim possa “todas as proposições contidas nela [estar] em conexão com um único princípio, e neste unificam-se em um todo” (FITCHE, 1980, p. 11) que por sua vez está ligado ao espontâneo rechaço que a Filosofia possui de explicações reducionistas que não façam o retorno ao todo encarando sua complexidade.

A Filosofia como ciência que estuda o *conflito* não é, entretanto, uma constatação nova. Muito menos estranha. Talvez, somente anuviada de tempos em tempos. Muitos pré-socráticos, em especial, Heráclito, enxergavam esse diagnóstico com singular nitidez. Nesse sentido, Heráclito exortava que muitos de seus contemporâneos “não compreendem *como o divergente consigo mesmo concorda; harmonia de tensões contrárias*, como de arco e lira” (HERÁCLITO, 1978, p. 84, grifo nosso), sendo o *conflito* o movimento do próprio *ser* em si e para si. Algo que se perceberia de modo retilíneo onde “o combate é de todas as coisas pai, de todas rei, e uns ele revelou deuses, outros, homens; de uns fez escravos, de outros livres”.

Para muitos isso se devolve em algo de árdua compreensão. E diante de tal confronto, ante a própria forma da existência e seu movimento conflitivo, empreendem voluntária e involuntariamente fuga (GALIMBERTI, 2010, p. 541). Fuga esta que ocorre através de vários subterfúgios. Entre eles a alienação ou a entrega a um hedonismo vulgar que anestesie a consciência e sentidos. Entorpecimento através de entretenimento ou na residência (in)voluntária de estágio infante. Quando mais grave, transparece através do exercício de grupos hegemônicos que espontaneamente permanecem no mundo das imagens da caverna mantendo junto a si grande parte do coletivo, onde pouco ou quase nada na curta história da Filosofia se pode fazer³².

O conflito não cessa de existir porque opta-se por ignorá-lo. Não sem demora se manifesta de outras formas, individual e coletivamente. Uma delas o embate entre o *princípio de realidade* em oposição ao *princípio de prazer*. Onde a sublimação nem sempre se faz possível levando à presentificação, por vezes, lancinante do tãtatos em uma plêiade de formas inéditas cujos quais não podemos compreender por que sequer compreendemos de modo eficaz as que nos foram herdadas. Nesse momento a Filosofia se desdobra em colônias de ciências atuando em um movimento símile de brotamento e esporulação³³ em um processo orgânico e

³² O que não se traduz em azo para resignação. Como bem colocará Marx “Os filósofos se limitaram a *interpretar* o mundo diferentemente, cabe *transformá-lo*” sem isso, pode-se recair a uma compleição “puramente escolástica” pouco incrementadora ao homem (MARX, 1978, p. 51-53, §2, 11, grifos do autor).

³³ *Brotamento*: Processo de reprodução assexuada em que ocorre a formação de um grupo de células, designado esboço ou gomo, que originam um novo indivíduo, ou um novo membro de uma colônia de indivíduos ligados

real, permanecendo ligada a estas novas colônias que se tornam – certamente – autônomas, mas que possuem como certidão de nascimento a atestação advinda da Filosofia; herdando junto a ela o cabedal instrumental e postura crítica perante o conhecimento.

Essas mesmas ciências se verão dicotomizadas por uma grande parcela de seus praticantes. Grande parte somente irá reproduzir o conhecimento arduamente produzido e consolidado. Enquanto uma parcela diminuta não aceitará a estagnação de cognoscibilidade do objeto de pesquisa. E nesse momento, quando a postura científica e de pesquisa emerge como uma vontade *potência da razão*, a Filosofia encontra novamente seus praticantes e é exercida em seu modo *stricto e lato*. Enquanto ciência do conflito e que estuda o conflito, será praticada. Dessa vez, dentro de ciências particularizadas, que encontrará depois participantes que irão realizar a tentativa de *volta ao todo*³⁴.

Com isso, a Filosofia mantém constante diálogo com todas as ciências, porquanto se doa à todas enquanto conflito e postura perante o conhecimento. Em vista disso, chega-se a seu conceito ampliado ou *lato* onde atua como *metaciência e interciência*. Observa, estuda e perquire o conflito *dentro* de outras ciências e das *ciências entre si*. Propugna constantemente o progresso dessas colônias autônomas. Através do confronto de *corolários parciais* de diversas ciências, as fomenta. Onde há incomunicabilidade de resultados instiga interlocução. Onde as respostas se demonstram inexatas expõe as insuficiências das premissas ou a discordância destas com o corolário. Expõe outras veredas que se fazem amplamente possíveis como explicação, demonstrando a fragilidade do processo científico realizado. Realiza correlações inobservadas e complementações mútuas. E perante essas situações, percebe quais novos desafios desdobram-se sequentemente ao diagnóstico advindo desse movimento de complementação e correlação. Nesse ínterim acaba por atuar em prol não somente as ciências particulares, mas também trazendo uma visão mais uníssona da ciência como um todo sem

entre si. É um fenômeno que ocorre em muitos celenterados, ascídias etc. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$gemiparidade](https://www.infopedia.pt/$gemiparidade).

Esporulação: Processo reprodutivo assexuado em que o organismo desenvolve, como órgãos reprodutivos especializados, esporângios, que produzem células reprodutoras especializadas, os esporos. Os esporos são estruturas muito resistentes a condições adversas. Em condições favoráveis, os esporos germinam e formam um novo organismo. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$esporulacao](https://www.infopedia.pt/$esporulacao)

³⁴ A diferença para aqueles que estudam a Filosofia diretamente como ciência é que os pesquisadores que diretamente à Filosofia se dedicam perpetuam esse movimento conscientemente e de modo permanente, o utiliza para atingir respostas e conhecimento mais seguros e isso de modo lúcido e precavido. Ao contrário de outras ciências que por vezes não estão côncias deste fenômeno, e em parte são manipuladas por ele, porém inexoravelmente levadas a colaborarem por amor ao conhecimento e vontade de compreensão da parte a que se dedica, nesse momento, também operam em favor da Filosofia.

nunca deixar de se atentar para sua incompletude. Nesse esteio, um exemplo sucinto demonstra o sobredito.

A Filosofia sempre perguntou “*O que é o homem?*”. Ainda hoje não possui resposta acabada apesar de robustos avanços. Cada ciência carrega em si uma contribuição determinada. O problema se faz na volta para o todo. Algo que a Filosofia tenta realizar e por vezes é bem-sucedida. Opera em labor interdisciplinar de modo contínuo apesar de algumas intermitências. Por exemplo, para a Física, o homem é corpo extenso como muitos outros. Situado em um astro específico. Dentro de órbita e sistema solar em específico em uma galáxia entre milhares. É um ser relacional com o universo, o qual está em constante expansão. Do ponto de vista cósmico, absurdamente insignificante. Mas como aduz Pascal (1979, p. 123), ainda assim, “caniço pensante” senciente e consciente de si.

Sê vê como uma *determinação* situada no *tempo-espaço* o qual não compreende bem, mas que elabora teorias e conjecturas de como opera, permitindo sua própria existência fugaz. Adjunto a isso, seu corpo é composto de vazio e átomos. Esses últimos atuando em coesão advinda de interação eletromagnética – responsável pela estrutura atômica e molecular de sua matéria – dando-lhe delimitação singular. Interação eletromagnética mais insignificante ainda que seu posicionamento no cosmos. Em uma interação de aproximadamente 100 vezes menor que a “interação forte” da Física, ou seja, 10^{12} vezes maior que a interação denominada de fraca (RODITI, 2005, p. 123).

Em outras palavras, para a física, o homem é o *nada* que contempla o *todo*. Matéria que contempla a si, o vazio e outras matérias. Algo que de um ponto de vista filosófico já se desconfiava por um bom tempo, apesar de só hoje possuímos o instrumental técnico necessário para demonstrar e confirmar as muitas assertivas.

Mas veja, isso ainda é um conceito tanto quanto insignificante de homem. Não se risca sequer a superfície. Somemos o conceito de Biologia ao precedente. Esse mesmo homem é organismo orgânico que interage ao meio ambiente. Mamífero, bípede da ordem dos primatas. Taxonomicamente responde a seu meio ambiente e promove em si, aparentemente de forma *incônsua*, mas coletivamente dirigente, perpétuas mudanças que são consideradas aos olhos dessa ciência como evolutivas. Posto que de uma perspectiva arqueológica – outra ciência, que vêm ao auxílio da conceituação do homem – constituíram-se em melhorias do ponto de vista de realces de eficiência e utilidade para maior pungência e utilização de sua razão crítica e instrumental.

Esse mesmo homem, entretanto, continua frágil. Disso nada muda para o conceito da ciência Física. E a Filosofia a isso percebe como fundo comum. Entretanto, a Biologia continua

sua caracterização: o homem é *presumivelmente* criatura determinada bruta por *predisposições genéticas* de DNA e RNA. Contudo, essa mesma extensão de matéria complexa colapsa frente ao mais simples dos elementos da natureza: filamentos heteróclitos também de RNA e DNA; e isso com uma facilidade tanto quanto aflitiva e trágica. O homem é um *ser* que colapsa perante o “nada”, sofrendo extinção em massa perante o infinitamente pequeno. Os vírus, organismos acima descritos, nada mais são que organismos acelulares compostos de ácido nucléico e capsídeos. Não possui metabolismo próprio. Não é sequer um organismo que se possa dizer propriamente vivo. Perante essa confrontação, o que é um *ser* como o homem que colapsa perante o infinitamente insignificante? A Biologia não responde, nem o pode. Não é de sua finalidade. O conflito instalado pela pergunta é algo difícil de acalmar e responder.

Esse mesmo *ente* busca fármacos para manter sua existência e vasculha outros entes para isso. Em verdade, depende deles. É um corpo de razão instrumental que, para manter sua harmonia, necessita de constante manutenção. Um ser que em geral pulsa por vida à despeito de ter conhecimento do fim natural e inevitável que o aguarda. Não deseja o fim prematuro, e um eventual retorno a uma “*nadidade*” que tenta por tudo evadir, pois o *desconhecimento* o assombra. Combate debilidades através de ciências. Entre elas as farmacológicas que se escoram nas ciências químicas, que por sua vez se mostram corolários naturais das ciências exatas onde o homem é um ente que calcula, gera previsões e medições precisas. Sem embargo de tudo que fora dito, some todas as ciências aqui descritas, todos os progressos que se realizaram e seus resultados, *e estes*, ainda assim, caberiam em um dedal e haveria espaço para o leitor e a mim quando contrapostas perante o que o homem não sabe *sobre si*, sobre seu ambiente e o macrocosmo. E veja, sequer chegou-se a um conceito coerente de homem. Talvez, sumariado e com maior completude frente a tudo que fora dito, o homem seria um sujeito que ignora. E que, na maioria das vezes, ignora que ignora, não se sabendo nunca quão ignorante.

Nesse diapasão, o anátema de Sócrates instaura-se com toda força e sentido singular. Só sabemos que nada sabemos. É preciso humildade. A Filosofia preocupa-se constantemente como metaciência e interciência *que o é* com o que se pensa saber, com o que efetivamente se sabe. Mas também com o que não se sabe. Não adianta saber e saber mal. Disso advém consequências graves que vemos todos os dias. É importante saber, mas saber bem. Aqui o conceito *nocional* de Sponville ganha seu espaço natural, seu aconchego na história da Filosofia, mostrando sua correção e precisão, claro, a despeito de *não* ser um conceito sobre a *essência real* dessa ciência.

Com isso, a Filosofia, seja em sentido *stricto* ou *lato*, força a interdisciplinaridade de modo que muitos filósofos se demonstrem polímatas, e muitos polímatas tendem a ser filósofos.

Quando as ciências não dialogam entre si, a Filosofia força a cooperação entre elas. Conflita resultados. Apara excessos e ainda complementa: o Homem é um ente *e ser* que possui e produz técnica e conhecimento, se institui como *Homo faber*, possui vontade, liberdade e amor e por isso é *Homo Volens*, para isso transmite sua vivência e experiências através da linguagem a aprimorando como *Homo loquens*. Por não ser autossuficiente possui aspectos de *zoon politikon* e *Homo socialis*, e em conjunto torna-se *Homo Culturalis*, *Ludens e Religiosus*, tornando-se *Homo Somaticus* com potencial tanto quanto ilimitado quando direcionado para fins determinados.

Há de se perceber que, em geral, o *conflito* se estabelece em similaridade às mônadas de Leibniz a tudo se imiscuindo e a tudo compondo. Atuando como o próprio o motor do *ser* em seu eterno *dever*. O mesmo se podendo dizer das diversas ciências. Perscrutando o movimento da existência e da multiplicidade na unidade, o conflito reside não somente no relacionamento do ente humano perante outros entes humanos. Mas encontra-se também na inevitável interpelação do *indivíduo* frente ao outro e à exterioridade. Como *ser-aí*, o indivíduo também se encontra na qualidade de *ser relacional*, onde o *ser-com* emerge como uma necessidade. Interpelação que ocorre seja através do Eu-Isto, seja frente ao Eu-Tu. Como Eu-Isto estamos entre o indivíduo e os objetos e as ciências que os interpelam, originando todas as ciências que perquirem o físico em sua compleição, propriedades e estrutura.

De forma que as ciências exatas e práticas se tornam mais inteligíveis para muitos devido a um quesito em específico quando contraposto às ciências humanas. As ciências que investigam a substância e o seu conflito correspondente necessitam *prima facie* compreender somente as propriedades objetivas do objeto sem a exigência de se preocupar com suas propriedades subjetivas, por não tê-las. Mas quando necessita fazer com que o conhecimento progrida é à Filosofia que essas ciências se voltam, conscientemente ou não. Isso porque precisam de correções epistemológicas, lógicas, expansão de linguagem, entre outras, como abordagem multidisciplinar da pesquisa, que tradicionalmente a Filosofia o faz impulsiona e analisa.

Mas o *ser* do *humano* a isso se difere. Além das propriedades objetivas existem outras, subjetivas de maior dificuldade de análise e cujo métodos *positivos* construídos para perquirição sistemática das ciências biológicas, exatas e práticas em geral se tornam manifestamente insuficientes, necessitando de maior complementação e análise onde atributos de intencionalidade, liberdade, virtude, moralidade, ética, cultura, ideologia, bem comum, desempenham papel preponderante e importantíssimo. Isso para citar somente alguns que não

se pode ignorar, mas que, em verdade, existem em uma procedência incalculável e, por vezes, tão importantes quanto. Novamente: *Ars longa, vita brevis*.

A positividade, nesse sentido, possui uma camada à *menor* de complexidade, o que de modo algum quer dizer que tais ciências sejam menos importantes, *difíceis* ou necessárias. Longe disso. Haja vista o pouco contingente *capaz* de produção científica. Nessa toada, toda e qualquer investigação se torna árdua por si mesma, feita com um contingente mínimo e que progride constantemente, mas não com a velocidade que faça jus à potência do humano. Aristóteles, a respeito de tal situação, realiza um diagnóstico que, passado 2.300 anos após sua intuição, revela-se praticamente imóvel em sua verdade:

A investigação da verdade é, num sentido, difícil e, em outro, fácil. *Isso é indicado pelo fato de que, se nenhuma pessoa isolada é capaz de ter uma adequada apreensão dela, não é possível que todos falhemos na tentativa. Cada pensador faz alguma observação a respeito da natureza e, individualmente, pouco contribui ou em nada contribui para a investigação; mas uma combinação de todas as conjeturas tem como resultado algo considerável.* Assim, como parece que a verdade é como a porta proverbial na qual ninguém pode deixar de bater, neste sentido nossa investigação será fácil; por outro lado, o fato de estarmos impossibilitados, ainda que dispendo de alguma compreensão do todo, de apreender uma parte particular, indica sua dificuldade. Entretanto, visto que a dificuldade também pode ser avaliada em dois sentidos, é possível que sua causa esteja presente não nos objetos de nossa investigação, mas em nós mesmos, ou seja, tal como ocorre com os olhos dos morcegos relativamente à luz do dia, ocorre com nossa razão em nossa alma relativamente àquelas coisas que são, naturalmente, as mais evidentes (ARISTÓTELES, 2016, p. 75, Met. Livro II, §1, 993b1, grifo nosso).

Contudo, por tal razão, a ressalva *inaugural* se faz de importância considerável. A Filosofia não deixa de ser ciência só porque não bate em retirada frente a questões mais contundentes e difíceis que tencionam a própria existência do humano. Engenharia, Medicina, Arquitetura e Matemática são conhecimentos que nos acompanham de muito porque bem conseguimos compreender parcialmente as propriedades objetivas dos entes que nos são transcendentais. Quando se trata, entretanto, de compreender a complexidade do *ser* do humano, engatinha-se^{35, 36}. Sofrendo tropeços sistêmicos, que o positivismo engendrado pela própria Filosofia se quer conseguiu conjecturar uma abordagem com gradação mínima satisfativa de análise e compreensão.

³⁵ Os objetos não se deixam conhecer a não ser pelo desvelamento forçado da razão. Mas quanto ao homem, esta mesma razão que tanto nos auxilia, só nos propicia conhecimento por vias indiretas sendo necessário a soma de outras forças e ferramentas para absorção e discernimento das diversas afecções que nos afeta. Do inconsciente que nos rege e da própria energia que nos anima.

³⁶ Nota de rodapé nº 12.

Entretanto, quanto ao conhecimento positivo, a Filosofia irá perceber a grande influência que este possui sobre a nossa vida, de forma que o “não-Eu” impõe uma oposição de existência exterior ao indivíduo, o qual não se absorve a não ser pela compreensão. Existe uma oposição permanente entre o singular e o universal. Entre o saber e a ignorância. O viver e o existir. Em uma atualização perpetua em que o ente humano se descobre e percebe-se como parte, mas que ainda assim pulsiona por uma completude que não se compreende totalmente.

Como produto finito frente à ilimitação do *ser* o indivíduo, essa individualização da totalidade tenta compreendê-la, abarcá-la em suas qualidades e propriedades. Tenta compreender por partes, tencionando o todo. Sendo a Filosofia essa ciência que na sua volta a si exerce interciência e nos tropeços das ciências particularizadas é lembrada como metaciência, impulsionando tudo a uma maior precisão, pode-se finalmente começar a vislumbrar nitidamente no horizonte o seu papel.

Nesse sentido, a Filosofia investiga os *próprios resultados* do *conflito*. Além de ser *a arma da crítica* torna-se também a *crítica das armas* com qual se interpela, compreende e pesquisa a existência. Adota um procedimento crítico perante as ciências, suspeita constantemente destas, suspeita de sua capacidade de conhecimento, mas com elas constantemente colabora. Como essas ciências nascem e se desenvolvem como particulares, por vezes não percebem a necessidade de esforços coletivos para maiores avanços. Dessa forma, a Filosofia atua através da crítica e persuasão cooperativa demandando constante revisão e refinamento. Para maior *fidegnidade* e fechamento, é preciso deixar algo claro: a Filosofia *promove* conscientemente o conflito. E isso porque só através dele conhecemos mais e melhor. Como ente finito que somos, a resposta sempre se dispõe imperfeita e transitória. Corolário natural da limitação de nossa finitude. Hipóteses são lançadas. Afere-se sua *plasticidade* à realidade. E assim sua própria imperfeição. A limitação natural irá instaurar o conflito novamente. Isso tudo como um motor que move o *dever* do *ser* no esteio do conhecimento. E do qual o ente humano nunca apreende totalmente, mas que também não renuncia jamais a tentativa. Nada mais natural que, com isso, e na dilação do tempo, conscientemente ocorra a instauração do conflito pela Filosofia, e esta nitidamente o faz em si e nas ciências particulares, posto que é o que possui de melhor e mais próximo para extrair *fragmentos* de verdade que irá compor lentamente o todo. Por vezes, nem precisa conscientemente realizar esse movimento. Esse fenômeno ocorre involuntariamente também. A eclosão de crises ocorre devido à inobservação das ciências particulares que não percebem a estagnação de paradigmas que conseqüentemente passam a falhar. Quando isso acontece a ciência normal deixa de caminhar corretamente, ocorrendo uma predisposição natural do conhecimento de entrar em conflito

consigo mesmo, criando, com isso, bloqueios que só serão vencidos pelo esforço coletivo de toda a comunidade científica.

Seja como for, quando os resultados não dialogam entre si, a Filosofia entra em cena. Investiga suas causas para que uma nova resposta possa emergir. Resposta que por ser transitória, também será somente temporariamente satisfativa. O progresso do *conhecimento* assim ocorre continuamente. De modo que a Filosofia se verá ante um conflito ainda maior e de mais difícil compreensão que se passa sucintamente agora e do qual tenho refletido por um bom tempo.

Um conflito que é difícil de explanar e que poderia assim ser descrito e colocado: porque, a despeito dos progressos sucessivos de conhecimentos práticos, e isso nas mais diversas ciências positivas, no que tange, entretanto, do ponto de vista da *moral do ser do humano*, não temos, ao menos aparentemente, obtido progressos? Por que não progredimos continuamente nessa seara? *Ou*, se conseguimos, por que não no mesmo compasso que as ciências positivas? Porque esses saltos qualitativos de conhecimento objetivo não acompanham, ou ao menos se transpõe, com maior contundência e resultados em aspectos qualitativos da moralidade do homem e sua individualidade? Sobre tal questão possuo desconfianças.

Algumas respostas já se soergueram fortemente sobre o assunto. Entre elas, a qual possuo maior apreço fora construída por Karl Heinrich Marx (1818-1883). Resposta de uma robustez até mesmo difícil de ser precisada e ainda longe de ser esgotada. Entretanto, penso que algumas coisas passaram despercebidas. E que não necessariamente possuem o mesmo ponto inicial e construção da resposta empreendida por esse filósofo. Advém, no entanto, da mesma inquietação. Essas desconfianças, nesse sentido, com a resposta de Marx dialogam. Provavelmente a complementa e, entretanto, precisam ser mais escrutinadas com a seriedade que é possível de interpelá-la e ampliá-la. Tendo isso em vista, encontrei e juntar-me-ei a parceiros da ciência que estuda o conflito. Companheiros com o qual pretendo caminhar, refletir e pesquisar sobre o assunto. Depois disso, quem sabe, uma volta para complementar este esboço de ensaio se fará em boa hora realizando com ele, os dois terços faltantes, e melhorando o esboço do um terço aqui produzido com o curto tempo que fora disposto. Até lá, entretanto, é preciso dizer como todo bom pesquisador do conflito: “*Hic Rhodus, hic saltus*”.

Considerações Finais

Nunca é propício se falar em conclusão. Não existem respostas que findem um objeto. Há de se lembrar disto sempre. Quanto a este *ensaio* isto se demonstra tanto mais verdadeiro. O projeto se encontra aberto. Em retomada, precisaria ainda demonstrar o *método* principal da Filosofia, e é claro, seu *fim* enquanto ciência.

Assim reforçaria ainda mais seu conceito. Diferentemente da demonstração somente do objeto, estes dois últimos, demandariam muito mais tempo, espaço e laudas do que possuo e que também me foram gentilmente ofertadas. Não somente isto, as partes faltantes se desenvolveriam melhor em outros campos de pesquisa, beneficiando-se do atributo de *interciência* que jaz inerente na Filosofia.

Entretanto, penso que a linha inaugural fora vagarosamente demonstrada. E pode-se delineá-la com um pequeno número de considerações finais. Entre elas, estas: *a)* Em que pese considerações diversas, como por exemplo de André Compte-Sponville, há pouca razoabilidade e espaço àqueles que *não* consideram a Filosofia uma ciência, ou, que queiram lhe negar o status de cientificidade. Cindir ambos é um erro. Não somente demonstrável a partir de uma perspectiva histórica, mas por falácia informal de petição de princípio.

Por vezes, a dificuldade de compreender o que estuda e pesquisa a Filosofia enquanto *ciência* advém do fato que esta pugna *sistematicamente ao indivíduo* um retorno a totalidade que não se faz fácil. Com isso, torna a compreensão de seu conceito enquanto ciência tanto quanto dificultoso. Mas é possível objetivamente conceituá-lo. Claro que incompletamente. Contudo, com isso chega-se a seu conceito *stricto* *b)* a Filosofia é a ciência que estuda o fenômeno do *conflito* e os corolários que dele derivam. Entretanto, também possui um conceito *lato*, *c)* onde atua como *metaciência* e *interciência*. Observa, estuda e perquire o conflito *dentro* de outras ciências e das *ciências entre si*. Propugna constantemente o progresso dessas colônias científicas que se tornam autônomas. Através do confronto de *corolários parciais* daquelas, as fomenta. *d)* Com isso, a Filosofia mantém constante diálogo com todas as ciências, porquanto se doa à todas enquanto conflito *e* postura perante o conhecimento. *e)* A Filosofia *promove* conscientemente o conflito, porque através dele conhecemos mais e melhor.

Por isso e último é importante sempre ressaltar: *f)* A Filosofia não deixa de ser ciência só porque não bate em retirada frente a questões mais contundentes e difíceis que tencionam a própria existência do humano.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. 6. ed. São Paulo-SP: Editora Martins Fontes, 2012.
- ALBERT CAMUS. *O Mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- ARISTÓTELES. *Categorias*. Porto-Portugal: Editora Porto, 1995.
- ARISTÓTELES. *Metafísica, Ética a Nicomaco, Poética*. Vol. II. Trad. Vincenzo Cosso. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Edson Bini. 2. ed. São Paulo-SP: Editora Edipro, 2016.
- ARISTÓTELES. *Organon*. Trad. Edson Bini. 2. ed. Bauru-SP: Editora Edipro, 2010.
- AZEVEDO, Antônio Carlos. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. 4. ed. Rio de Janeiro-RJ: Editora Lexikon, 2012.
- BLAISE, Pascal. *Pensamentos, Vida e Obra*. Trad. Sérgio Melliet. 2. ed. São Paulo-SP: Abril Cultural, 1979.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega Vol. – I*. 26. ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2018.
- BURGUIÈRE, André. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro-RJ: Editora Imago, 1993.
- BYNUM, William. *Uma Breve História da Ciência*. Trad. Iuri Abreu. Porto Alegre-RS: Editora LPM, 2017.
- CAYGILL, Howard. *Dicionário Kant*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2012.
- COTTINGHAM, John. *Dicionário Descartes*. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DESCARTES, René. *Carta-Prefácio dos Princípios da Filosofia*. Trad. Homero Santiago. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FARA, Patrícia. *Uma breve história da ciência*. 1. ed. São Paulo-SP: Editora Fundamento, 2014.
- FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da Filosofia do Futuro*. Trad. Artur Mourão. Lisboa-Portugal: Editora Edições 70, 1988.

- FITCHE, Johann Gottlieb. *A doutrina da ciência de 1794 e outros escritos*. Trad. Rubens Rodrigues Torres. São Paulo-SP: Editora Abril Cultural, 1980.
- GALIMBERTI, Umberto. *Dicionário de Psicologia*. Trad. Anna Maria Pareschi. São Paulo-SP: Editora Edições Loyola, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- HERÁCLITO. *Os Pré-Socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- HERÓTODO. *História – Vol I - II*. Trad. J. Brito Broca. 3. ed. Rio de Janeiro-RJ: Editora Nova Fronteira, 2019.
- HOOKER, J.T. *Lendo o Passado: a história da escrita antiga do cuneiforme ao alfabeto*. São Paulo-SP: Co-Edição Editora da Universidade de São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1996.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro-RJ: Editora Jorge Zahar, 1997.
- JAEGER, Werner Wilhelm. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. Mônica Stahel. 6. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.
- LIVERANI, Mário. *Antigo Oriente: História, Sociedade e Economia*. 1. ed. São Paulo-SP: Editora Edusp, 2020.
- LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. Trad. Anuar Aiex. 2. ed. São Paulo-SP: Abril Cultural 1978.
- MARX, Karl Heinrich. *Manuscritos Econômicos-Filosóficos e outros textos escolhidos*. Trad. José Carlos Bruno et tal. 2. ed. São Paulo-SP: Abril Cultural, 1978.
- MAUTNER, Thomas. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2011.
- MIEROOP, Marc Van. *PHILOSOPHY BEFORE THE GREEKS The pursuit of truth in ancient Babylonia*. Princeton University Press, 2016.
- MOREAU, Denis. Prefácio. In: *Carta-Prefácio dos Princípios da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- PARMÊNIDES. *Os Pré-Socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- PLATÃO. *Diálogos I: Teeteto, Sofista, Protágoras*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2007.
- PLATÃO. *Diálogos V: O Banquete, Mênon, Timeu, Crítias*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2018.
- RODITI, Itzhak. *Dicionário Houaiss de Física*. Rio de Janeiro-RJ: Editora Objetiva, 2005.
- SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações: investigações sobre sua natureza e suas causas - Vol. I*. Trad. Luíz João Baraúna. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SOUZA, José Calvalcanti. Prefácio. *In: Os Pré-Socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SPONVILLE, André Compte. *Dicionário de Filosófico*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. Trad. Ivone Castilho. 3. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. Mario da Gama Kury. 4. ed. Brasília-DF: Editora Unb, 2001.

XENÓFANES. *Os Pré-Socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.